



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

**Proposta de Reabilitação do Centro Termal do
Eirôgo em Galegos Santa Maria, Barcelos.
Uma Estância Termal Contemporânea**

Diogo Martins Barbosa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Fernando Manuel Leitão Diniz
Coorientador: Prof. Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes

Covilhã, outubro de 2017

Agradecimentos

Aos meus pais, por tudo, por acreditarem, pelo seu sacrifício.

À minha irmã pelo apoio, ao avô José e avó Lucinda e avó Ana, pela força e carinho, pelas palavras de incentivo.

À Cláudia, por estar sempre presente nos momentos bons e menos bons, pela orientação sempre no rumo certo, pelo carinho e amor, pela paciência e ajuda que sempre manifestou.

Aos amigos que nesta fase da vida se tornaram imprescindíveis e sempre estiveram prontos a ajudar.

Ao Prof.Dr. Fernando Diniz e ao Prof.Dr. Ferreira Gomes, por me terem guiado neste processo.

Resumo

As estâncias termais em Portugal são fruto da riqueza em águas minerais termais que ocorrem espalhadas pelo território.

No entanto, algumas das estâncias termais portuguesas, resumem-se a um conjunto edificado obsoleto, com instalações envelhecidas e descontextualizadas para os parâmetros atuais. Todavia, o volume de procura por tratamentos de cura termal, de lazer e bem-estar, está a conduzir a um fenómeno de renovação e revitalização dos espaços termais introduzindo uma linguagem arquitetónica contemporânea sem desvirtuar os cânones arquitetónicos do passado.

Com a chegada de novos públicos às termas, para além da oferta clássica das estâncias termais, houve a necessidade de adaptar as infraestruturas dos espaços termais com capacidade de resposta a um novo conceito de carácter lúdico.

O objetivo da presente dissertação considera a reabilitação do Centro Termal do Eirôgo em avançado estado de degradação, na freguesia de Galegos Santa Maria, no concelho de Barcelos. Este conjunto termal é reconhecido com um bem imóvel a salvaguardar e o princípio estabelecido define-se em dotar este estabelecimento termal com valências termais e turísticas, com níveis de qualidade e conforto, que estimulem a prática de turismo termal de bem-estar e lazer na região.

A dissertação procura entender os princípios do termalismo, a sua difusão e propagação a nível mundial, a história do termalismo em Portugal, em que condições surgiu, em que épocas se afirmou em território nacional e relacionar com o enquadramento espacial, temporal e histórico do Centro Termal do Eirôgo.

É objetivo essencial na dissertação elaborar uma proposta de reabilitação e requalificação dos volumes arquitetónicos e espaço envolvente do centro termal, enquadrada numa solução arquitetónica que respeite as singularidades que caracterizam o conjunto arquitetónico. A proposta pretende a adaptação de um conteúdo programático atual, com novas funcionalidades, sem perder a identidade que caracteriza as preexistências.

Palavras-chave

Reabilitação; Ampliação; Termalismo; Património; Barcelos.

Abstract

The thermal spas in Portugal are fruit of the richness in mineral thermal waters that occurs scattered by the territory.

However, some of the Portuguese thermal spas are an obsolete building, with old and decontextualized facilities for the current parameters. Although, the volume of demand for thermal healing, leisure and wellness treatments is leading to a phenomenon of renewal and revitalization of thermal springs introducing a contemporary architectural language without detracting from the architectural canons of the past.

With the arrival of new publics to the thermal baths, in addition to the classic offer of the thermal spas, there was a need to adapt the infrastructures of the thermal spaces with the capacity to respond to a new concept of a playful character.

The objective of the present dissertation considers the rehabilitation of the Eirôgo Thermal Center in an advanced state of degradation, in the parish of Galegos Santa Maria, in the municipality of Barcelos. This thermal complex is recognized with an immovable property to safeguard and the established principle is defined in endowing this thermal establishment with thermal and tourist values, with levels of quality and comfort, that stimulate the practice of thermal tourism of well-being and leisure in the region.

The dissertation seeks to understand the principles of spa therapy, its diffusion and propagation worldwide, the history of spa therapy in Portugal, under what conditions it emerged, in which times it was affirmed in national territory and related to the spatial, temporal and historical framework of the Center Thermal of Eirôgo.

It is an essential objective in the dissertation to elaborate a proposal of rehabilitation and requalification of the architectonic volumes and surrounding space of the thermal center, framed in an architectural solution that respects the singularities that characterize the architectonic set. The proposal intends to adapt a current programmatic content, with new functionalities, without losing the identity that characterizes the preexistences.

Keywords

Rehabilitation; Enlargement; Thermalism; Patrimony; Barcelos.

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 A Água como Elemento.....	1
1.2 Objetivo	2
1.3 Metodologia	3
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	5
2.1 História do Termalismo.....	7
2.1.1 A Grécia	9
2.1.2 Os Romanos	13
2.1.3 A Idade Média	19
2.1.4 Renascença	21
2.1.5 O século XIX	23
2.1.6 O século XX e a atualidade.....	27
2.2 Termalismo em Portugal	29
2.3 O Centro Termal do Eirôgo	33
2.3.1 Características das Águas Termais da Quinta do Eirôgo	43
2.3.2 Estudo Geológico e Hidrogeológico.....	45
2.3.3 O Centro Termal do Eirôgo.....	46
2.4 Enquadramento Histórico-Geográfico.....	57
3. CONTEXTUALIZAÇÃO PRÁTICA.....	59
3.1 Metodologia e Conceito	61
3.3 Materiais e Sistemas construtivos	103
3.3.1 Hotel	105
3.3.1.1 Pavimentos	105
3.3.1.2 Revestimentos	106
3.3.1.3 Vãos.....	108
3.3.1.4 Tetos	108
3.3.1.5 Estrutura	109
3.3.2 Balneário	111
3.3.2.1 Pavimentos	111
3.3.2.2 Revestimentos	112
3.3.2.3 Vãos.....	113
3.3.2.4 Tetos	113
3.3.2.5 Estrutura	113
4. CONCLUSÃO.....	115
Bibliografia.....	117

Lista de Figuras

Figura 1. Palaistra de Pompeia (Pita, E.V, 2011)	11
Fonte: http://archeopolis.blogspot.pt/2012/04/pompeii-palestra-of-theatre-pompeya.html	
Figura 2. Tepidarium em Pompeia (Surrento,2017)	14
Fonte: https://www.tourssorrento.com/pompeii/	
Figura 3. Hipocausto, Termas d`Adrià.	15
Fonte: https://www.tourssorrento.com/pompeii/	
Figura 4. Termas de Bath (Surrento,2017)	16
Fonte: https://www.tourssorrento.com/pompeii/	
Figura 5. Grande Hotel de Mondariz, Galiza (Xunta de Galicia,2016)	25
Fonte: http://www.turismo.gal/recurso/-/detalle/280377212/balneario-de-mondariz?langId=pt_PT	
Figura 6. Vidago Palace Hotel (Azalea Group,2016)	28
Fonte: http://www.golfpunkhq.com/news/article/historic-vidago-palace	
Figura 7. Alvará de Concessão do Centro Termal do Eirôgo(1-3).....	35
Fonte: Arquivo da Biblioteca Municipal de Barcelos	
Figura 8. Alvará de Concessão do Centro Termal do Eirôgo(2-3).....	36
Fonte: Arquivo da Biblioteca Municipal de Barcelos	
Figura 9. Alvará de Concessão do Centro Termal do Eirôgo(3-3).....	37
Fonte: Arquivo da Biblioteca Municipal de Barcelos	
Figura 10. Sala de Tratamento com Banheira em Lioz.	39
Fotografia de Autor	
Figura 11. Vista sobre Hotel e Balneário do Centro Termal do Eirôgo.	48
Fotografia de Autor	
Figura 12. Hotel do Centro Termal do Eirôgo.	49
Fotografia de Autor	
Figura 13. Hotel do Centro Termal do Eirôgo.	50
Fotografia de Autor	

Figura 14. Acesso Principal do Centro Termal do Eirôgo.	51
Fotografia de Autor	
Figura 15. Passagem entre Hotel e Balneário.....	52
Fotografia de Autor	
Figura 16. Torreão Central do Balneário.	53
Fotografia de Autor	
Figura 17. Antiga Casa da Quinta do Eirôgo e Capela.	54
Fotografia de Autor	
Figura 18. Antiga Casa da Quinta e Balneário.	55
Fotografia de Autor	
Figura 19. Entrada Principal do Hotel.....	63
Fotografia de Autor	
Figura 20. Escada de acesso na entrada do Hotel.	64
Fotografia de Autor	
Figura 21. Recepção do Hotel.....	65
Fotografia de Autor	
Figura 22. Entrada do Restaurante.	66
Fotografia de Autor	
Figura 23. Corredor de acesso aos quartos do rés-do-chão.	67
Fotografia de Autor	
Figura 24. Acesso aos quartos do rés-do-chão.	68
Fotografia de Autor	
Figura 25. Quarto do Hotel.	69
Fotografia de Autor	
Figura 26. Quarto do Hotel.	70
Fotografia de Autor	
Figura 27. Acesso ao piso superior.....	71
Fotografia de Autor	
Figura 28. Corredor de acesso aos quartos no 1º piso.....	72
Fotografia de Autor	

Figura 29. Acesso aos quartos no 1º piso.	73
Fotografia de Autor	
Figura 30. Quarto do 1º piso.	74
Fotografia de Autor	
Figura 31. Cobertura.	75
Fotografia de Autor	
Figura 32. Átrio do Balneário.	76
Fotografia de Autor	
Figura 33. Fonte do Balneário.	77
Fotografia de Autor	
Figura 34. Corredor do Balneário.	78
Fotografia de Autor	
Figura 35. Vão ao fundo do corredor do Balneário.....	79
Fotografia de Autor	
Figura 36. Ruína a manter.....	80
Fotografia de Autor	
Figura 37. Ruína a manter.....	81
Fotografia de Autor	
Figura 38. Caldeiras.	82
Fotografia de Autor	
Figura 39. Diagrama de disposição dos espaços.	85
Fonte: Diagrama do Autor	
Figura 40. Diagrama de disposição de espaços.	87
Fonte: Diagrama do Autor	
Figura 41. Diagrama de disposição de espaços.	89
Fonte: Diagrama do Autor	
Figura 42. Diagrama de disposição de espaços.	94
Fonte: Diagrama do Autor	

Figura 43. Diagrama de disposição de espaços.	95
Fonte: Diagrama do Autor	
Figura 44. Esquiço da Planta.....	99
Fonte: Esquiço do Autor	
Figura 45. Esquiço do Alçado do Hotel.....	100
Fonte: Esquiço do Autor	
Figura 46. Esquiço do Balneário.....	101
Fonte: Esquiço do Autor	
Figura 47. Esquiço da Sala de Estar.	102
Fonte: Esquiço do Autor	
Figura 48. Esquiço do Quarto.	103
Fonte: Esquiço do Autor	

Lista de Tabelas

Tabela 1. Gastos de Totais de Água.	97
--	----

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
cm	Centímetro
mm	Milímetro
C	Celsius
MDF	Medium Density Filberboard

1. INTRODUÇÃO

1.1 A Água como Elemento

Os grandes benefícios das águas termais, esvanecidos na memória por vezes, já são reconhecidos desde a Antiguidade. De facto, o Homem reconhece e valoriza acerca de seis mil anos as propriedades intrínsecas às águas, tal como o papel determinante na evolução da medicina e prevenção, lazer e bem-estar.

A atividade termal está conectada historicamente ao sector da saúde e prestação de cuidados. A água constitui desde muito cedo e para um incontável número de povos um símbolo de vitalidade, riqueza e pureza.

O valor purificador da água está intimamente ligado a práticas sagradas, cultos e rituais. A água pontuava as várias etapas da vida humana, desde o banho do nascimento, a água vertida no batismo, o ritual banho do casamento e a limpeza na hora da morte. O culto e a crença divina, a par da relação entre a natureza e o corpo, incutiram no homem a percepção de que a água é uma das primeiras fontes curativas em estados de doença do corpo humano e através desta encontrou a resposta entre o bem e o mal que o seu corpo lhe mostrou existir.

“A representação da água nem sempre teve influências que hoje conhecemos. Talvez exija um itinerário particular, de longo prazo, antes de atingir a «transparência» da higiene contemporânea. Existe uma maneira de viver este contacto com a água que domina o derivativo lúdico, por exemplo, possui outros fundamentos culturais para além da considerada indispensável salubridade.”¹

Se o corpo é o principal ponto de partida para o complexo domínio da saúde, a água assume uma importância ainda mais notória, pois a sua íntima relação com a sobrevivência humana define-se a partir da presença de água em maior percentagem na composição do corpo humano.

Matéria de culto, objeto de cura, transmissor de frio ou calor, a água é um elemento crucial à existência de vida, catalogada como fonte de vida, regeneração e purificação.

¹Vigarello, Georges (1988) O Limpo e o Sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média. 1ª Edição Editorial Fragmentos. Lisboa.

Com a passagem dos séculos definiram-se diferentes conceitos e regras sobre a prática termal, com posições opostas e contraditórias, com épocas de auge e épocas de baixa frequência de atividade termal.

O termalismo, no século XX, traduzia-se por um conjunto de atividades terapêuticas desenvolvidas no espaço de um estabelecimento balnear, com a água mineral termal como agente terapêutico. No entanto, o conceito sentiu a necessidade de acompanhar os processos evolutivos e definiu com melhor clareza o seu significado. O termalismo é assumido na atualidade e no contexto nacional como o uso de água termal mineral natural para fins de prevenção, terapêutica, reabilitação e bem-estar.

No entanto, nem todas as estâncias termais em Portugal foram capazes de acompanhar os processos evolutivos do produto termal, assim como os parâmetros de conforto, qualidade e excelência exigidos atualmente.

Em Portugal, o aproveitamento dos recursos hidrogeológicos são uma fonte de riqueza e desenvolvimento que podem usufruir das estruturas e infraestruturas já existentes, que em muitas das circunstâncias constituem um património arquitetónico rico mas em estado de degradação, com conjuntos arquitetónicos obsoletos incapazes de responder às necessidades atuais, que apesar disso, conseguiriam reunir condições favoráveis à sua regeneração com o intuito de promover e dinamizar o turismo termal e as zonas geográficas em que as estâncias estão inseridas.

1.2 Objetivo

No contexto de recuperação de património arquitetónico e hidrogeológico, surge o tema desta dissertação que consiste numa proposta de reabilitação de um centro termal, que por consequência de um conjunto de fatores, quer socioculturais, quer económicos, se tornou num espaço obsoleto, completamente devoluto e incapaz de dar resposta ao uso das águas minerais termais.

Esta dissertação pretende facultar, numa primeira fase uma visão abrangente das práticas termais, com o estudo da seu passado, história, evolução e propagação a nível mundial, e as repercussões a nível nacional.

Após uma análise cuidada ao objeto de estudo sobre o qual incide esta dissertação, o Centro Termal do Eirôgo em Galegos Santa Maria, Barcelos, serão avaliadas as estratégias para a recuperação e valorização deste património arquitetónico único e soluções de projeto de regeneração da estância termal, que visem não só a revitalização do estabelecimento termal,

mas também uma ampliação e modernização do conjunto arquitetónico e a requalificação de toda envolvente.

Numa última fase, depois de avaliados e definidos todos os conceitos e formas de intervir no património qualificado, respeitando imposições legais, e principalmente os valores e características definidoras do conjunto arquitetónico e a sua relação com o lugar, será desenvolvida uma proposta prática de projeto com o objetivo de exaltar o lugar, o conjunto arquitetónico, e trazer de volta um símbolo da região, que seja estar ao nível das estâncias termais de referência em Portugal, e se afirme no mapa termal nacional.

1.3 Metodologia

A presente dissertação seguiu um processo de estudo que inicialmente consistiu em trabalho de campo, com recolha de informação e opiniões pessoais por parte da comunidade envolvente, encontros casuais com o atual proprietário e visitas ao Centro Termal do Eirôgo, que tinham como objetivo entender o património existente, de que forma este se relaciona com o meio e a comunidade, fazer uma análise conceptual do edifício e extrair as características do próprio conjunto arquitetónico transpondo a sua essência, carácter e identidade para a proposta de reabilitação do centro termal.

Foram realizados processos de reconhecimento dos edifícios do Centro Termal e levantamentos fotográficos para estudos de caso e recolha de elementos visuais relativamente à situação atual de degradação do conjunto arquitetónico.

Para uma melhor compreensão do tema a desenvolver foram efetuadas visitas técnicas de estudo a quatro estâncias termais de referência no país, nomeadamente, Complexo Termal de Unhais da Serra, Termas do Gerês, Termas de Melgaço e Termas do Cró, que se revelaram importantes referências para o desenvolvimento do projeto.

A pesquisa bibliográfica e análise documental mediante consulta online, permitiram a sintetização de conceitos sobre o tema, em particular sobre práticas termais, estudo hidrogeológico e soluções construtivas e arquitetónicas adaptadas ao programa de uma estância termal. A par da pesquisa bibliográfica a dissertação procurou respeitar todas as imposições legais estabelecidas para a proteção e preservação do conjunto termal, com o cumprimento de normas e procedimentos adequados, com recurso a documentação municipal, no caso do Plano Diretor Municipal de Barcelos, e documentação nacional, no caso da Portaria 309/2015 que regula a classificação dos empreendimentos turísticos.

O acesso a documentos escritos e registos do Centro Termal do Eirôgo, cedidos pelo Arquivo da Biblioteca Municipal de Barcelos, permitiram um melhor conhecimento da história do Centro Termal, tal como o conhecimento das primeiras referências às águas minerais termais do concelho de Barcelos.

Com a recolha e interpretação de todos os elementos necessários à compreensão do tipo de proposta a realizar, procedeu-se à parte prática do projeto, incidindo sobre todas as áreas do complexo termal, desde o hotel, passando pelo balneário até aos espaços verdes, fazendo uma inclusão da ruína existente no terreno e também um percurso de comunicação do projeto com a ribeira do Eirôgo. Nos volumes construídos procurou-se manter a essência do edificado, e a sua relação com o lugar, o conceito, o programa, questões funcionais, técnicas e construtivas.

2.CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 História do Termalismo

A utilização de águas termais é conhecida desde a Antiguidade, tal como atestam os vestígios de construções deixadas pelos povos ancestrais, e a denominação associada a estas práticas ainda hoje utilizada para designar os lugares onde se exercem práticas termais, banhos, balneários, caldas, termas.

A água era matéria de pura excelência, símbolo da procura constante de pureza. A relação entre o valor purificador e os banhos sagrados surgem desde a mitificação dos Deuses e dos rituais para os contemplar.

O valor da água como mote purificador e regenerador surge no Antigo Testamento, onde a água é celebrada em variados momentos. O Cristianismo retoma, com o Novo Testamento, a água como elemento de vida espiritual com o banho lustral de Moisés.

No Japão, os rituais budistas introduzidos no século VI conciliados com a religião Xintoísta defendem que a manutenção do corpo e a pureza do espírito são indissociáveis, preconizando que a imoralidade se relaciona com a vileza, e a virtude com a limpeza e o asseio. Na atualidade, os locais de culto e oração nipónicos evidenciam estes ritos ancestrais, e os crentes antes de entrarem no recinto do banho, lavam as mãos e a boca como sinal de respeito e pureza.

No Judaísmo, o banho ritual designado por *mickveh* indiciava que nenhum judeu poderia viver numa comunidade que não tivesse à disposição banhos públicos.

A religião Muçulmana, indica, de acordo com os princípios do Corão, que o corpo necessita de ser completamente purificado pelo poder das águas.

Surge durante a Idade Média, o banho tomado na véspera da investidura dos cavaleiros, os quais, após três dias em orações, eram mergulhados em tinas de água quente aromatizada com pétalas e ervas para que nos combates se batessem contra os obstáculos sem qualquer falha que comprometesse a sua reputação.

A água como símbolo de purificação, no domínio sacro, tem-se manifestado igualmente numa perspetiva profana como símbolo de regeneração e renovação em várias civilizações. A esperança de convalescença pela água, está associada a esperança de cura, desde os tempos pré-históricos, consagrando-se já nessas épocas diversos tipos de culto a certas fontes consideradas mágicas e sagradas.

O prazer do banho dividiu-se quase sempre entre o banho privado e banho público, no campo pessoal e individual, e entre banho de imersão e banho de vapor, no campo termal. Consoante as diferentes épocas e civilizações, estes tipos de banhos evoluíram e denunciaram

a natureza das diversas relações entre a água e o corpo, tal como os cuidados que lhe foram sucessivamente concedidos.

A Etrúria (antiga região da atual Itália, localizada geograficamente ao centro de Itália) revela evidências de práticas antigas de Termalismo, algumas datadas do início do século IV a.C., e ainda hoje consideradas válidas. Os legados do termalismo evidenciavam-se pela ausência de um ordenamento específico das termas, nas quais os tratamentos e práticas termais se baseavam nos conhecimentos das populações locais.

O povo Etrusco, que viveu na Península Itálica entre os séculos VIII a III a.C., é deste modo considerado como os fundadores do termalismo. Os Etruscos incitam à construção de edifícios majestoso próximos das fontes, e contribuem de forma marcante para a especialização dos estudos, investigação e vigilância das águas termais.

A construção de grandes edifícios e santuários junto às fontes, com templos e altares afirmava a relação entre a religião e as águas termais. Surge por esta altura uma alteração de uma nova prática, não uma criação, mas sim uma mudança de costumes, a prática do banho, que passa a ser tomado nas casas, caso tivessem condições para tal e/ou nos edifícios públicos anteriormente referidos, onde também foram introduzidas novas técnicas para o aquecimento das águas e locais específicos para os diferentes banhos disponibilizados. Procuravam-se nesta época, mais do que as composições mineralógicas das águas, perceber os efeitos da temperatura das águas no organismo humano.

Para melhor compreensão do termalismo e a sua resenha histórica, pode-se fazer a divisão em seis fases, segundo Carriço², a Grécia, os Romanos, a Idade Média, Renascença, o século XIX e o século XX e a atualidade.

²Carriço, A.P.S. (2013) Metamorfoses do espaço termal. O caso das termas de S. Pedro do Sul, Tese de Doutoramento. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

2.1.1 A Grécia

À passagem do século IV a.C., surgem os primeiros banhos públicos na Grécia, práticas relacionadas com o embelezamento e cuidados do corpo, e com a procura do equilíbrio entre o corpo e a mente.

Inicialmente os banhos eram tomados em compartimentos escavados na rocha ou em vasos de forma circular na êxedra (*exédra* do grego - espaço confinado a reuniões e preleções filosóficas) e ao ar livre, à sombra de oliveiras, junto da palestra (figura 1) (*palaistra* do grego - espaço destinado à prática do exercício físico).

Avante, com as melhorias das condições de lazer, os banhos foram integrados em edifícios e realizados em piscinas, acauteladas com degraus que por um lado facilitam o acesso e por outro permitiam que os utilizadores repousassem sentados.

Os banhos transformaram-se em lugares de encontro, porém mais ligados à higiene do corpo após as atividades desportivas do que à ideia de lazer e de conforto social. Para os gregos, a fundamental preocupação centrava-se no prazer de conseguir um corpo perfeito e esbelto, associado à forte exaltação do seu aspeto exterior e à sensação de uma boa forma física.

A importância e a veneração especial que os gregos concederam às águas e às suas qualidades, com competências de bem-estar, e sobretudo competências de preservação e exigências associadas aos cânones de beleza, permitiram distinguir dois notáveis nomes que ajudaram de veras para o desenvolvimento do conhecimento empírico das valências curativas das águas minerais. Hipócrates, considerado o pai da medicina, investigou sobre as águas minerais termais, as suas características, as áreas geológicas onde poderiam ser encontradas e apontou as razões explicativas para a adequação de alguns tipos de águas termais a determinadas doenças e maleitas. Heródoto, um historiador grego, que se exprimia sobre a duração das curas, relatando que estas deveriam ter uma duração de três semanas.

Deste modo, pode concluir-se que se deve aos gregos o conhecimento e regras de utilização das águas minerais.

A arquitetura dos edifícios destinados ao culto da saúde, eram inicialmente muito simples. Funcionavam como grandes esculturas, confinando o espaço interior para o segundo plano. Presenciava-se a valorização suprema da escala humana. Os elementos construtivos destes edifícios caracterizavam-se por uma plataforma elevada, variadas colunas e um entablamento que suportava a cobertura.

O espaço interior não era pensado do ponto de vista criativo, uma vez que este não respondia a relações sociais, e conseqüentemente era descorado tornando-se pouco atrativo.

O passeio dos Gregos, efetuado no peristilo era limitado, o que indiciava a que todo o seu interesse fosse orientado para o exterior do edifício.

Com a chegada dos Gregos à Sicília e Itália meridional a arquitetura foi modelada por algumas mudanças, uma de maior relevo foi a profundidade que tornou os peristilos mais espaçosos, por forma a humanizar aqueles espaços tão rígidos.

A civilização grega define-se pelo triunfo do corpo, dotando os edifícios com escala e proporção humana.



Figura 1. *Palaistra* de Pompeia (Pita, E.V, 2011)

2.1.2 Os Romanos

Com fortes ligações à água e ao banho por influência dos povos gregos e orientais, os Romanos tiveram ao longo do tempo e através dos seus imperadores, como objetivo exornar Roma e todo o império com sofisticados e espantosos estabelecimentos termais. Efetivamente, o banho tinha grande importância não só a nível privado como a nível social. Os Romanos, a par do povo grego, no qual era enaltecido o prazer da boa forma física, dedicaram-se também ao prazer da convivialidade. “Entre os mais diversos vestígios existentes num largo número de cidades do império Romano, as termas definem-se como os mais impressionantes testemunhos da sofisticação inaudita, à qual se encontra a arte do banho”³.

Os edifícios termais inicialmente menos desenvolvidos, tinham como objetivo principal o relaxamento e tonificação dos habitantes do império e proporcionavam prazer e a regeneração necessária à forma física após os exercícios e batalhas.

Todos os locais onde a presença romana esta assente e preservada, era possível detetar vestígios de termas, nos quais se podiam encontrar soluções construtivas como o *tepidarium* (figura 2) e o *hipocausto* (figura 3).

À imagem dos gregos, os romanos mergulhavam e nadavam nas correntes frias das ribeiras e em lagos. Começando por se banharem nas águas de temperaturas mais baixas, os romanos, à medida que a idade avançava, alternavam com águas mais tépidas até se fixarem nos regimes de banhos em estufas. As estufas designadas por *balnae* eram pequenos estabelecimentos, privados, nos quais os serviços eram pagos sobretudo pelos mais ricos e podiam ser alternados entre banhos quentes e banhos frios.

No ano 19 a.C. surgem as *thermae* e registam mudanças significativas, quer ao nível dos objetivos de utilização, que ao nível da organização espacial, estilos de arquitetura e monumentalidade que passaram a acompanhar os espaços termais.

³ Ramos, A. R. (2005) O termalismo em Portugal: Dos fatores de obstrução à revitalização pela dimensão turística, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, Aveiro.p.25.



Figura 2. *Tepidarium* em Pompeia (Surrento,2017)



Figura 3. Hipocausto, Termas d`Adrià.



Figura 4. Termas de Bath (Surrento,2017)

Até ao século IV a.C., a utilização das termas é distinguida essencialmente pela falta de organização das áreas envolventes e sem conexão aos espaços sagrados e às divindades que eram devotos. É no decorrer deste século que se assiste à edificação de monumentos, de maior ou menos ostentação que passam a acompanhar e desenvolvimento e a melhoria de condições das termas e das suas fontes, através da construção de santuários, que vem afirmar e corroborar a forte ligação entre o termalismo e a religião.

A partir do século III a.C., vivenciava-se uma alteração de mentalidades com a prática do banho tomado em casa (por pessoas que dispusessem de meios suficientes) e com o banho tomado em edifícios públicos, que passa a ser apreciado por um número alargado de utilizadores.

As termas eram consideradas paraísos, dispendo dos mais variados e sofisticados equipamentos muito desenvolvidos para a época. As piscinas, áreas de desporto, salas de exercício, jardins, teatro, salas de repouso, pórticos, restaurantes, bares, bibliotecas eram alguns dos equipamentos que constituíam o programa dos espaços termais.

A integração dos banhos nas casas particulares e os surgimentos das *thermae publicae* nas cidades permitiu a consolidação de uma classe social, faustosamente enriquecida, que utiliza o luxo não apenas como marco de afirmação social, mas também político. Toda a afluência que rodeava esta sociedade com um destacado prestígio social, conduziu à necessidade de utilização de materiais ricos, luxuosos e de grande onerosidade, quer na arquitetura, quer nos utensílios pessoais, que teve como consequência os estabelecimentos de novas matrizes socioculturais.

Este fenómeno abrangia os aspetos arquitetónicos que se vieram a revelar com a imponência das termas que se elevam.

Arquiteticamente, a mesma opulência que caracterizava a sociedade, abrangia os edifícios das termas, procurando elevar cada vez mais alto as cúpulas dos edifícios, com aberturas para o exterior que permitem a entrada de luz solar. No que diz respeito à decoração, esta apresenta sinais de luxo e sofisticação com colunas de granito, paredes adornadas com pinturas, cadeiras, bancos e tinas ou vasos, ornamentados com pés ou bases esculpidos e pintados com termas da mitologia e natureza, com mármore exóticas no chão e as paredes revestidas com mosaicos ilustrando a fauna e a flora assim como os seres divinos dos rios e mares.

Os romanos para além de gozarem o espaço de maneira diferente, assumem-no com uma escala inumana, monumental, uma aplicação de autoridade, um símbolo de domínio dos cidadãos e a afirmação que o império existe e é a razão de toda a vida. Aqui a arquitetura reflete a escala do mito, do irreal e não do homem.

A construção de edifícios luxuosos e marcantes passou a ser significativa na urbe romana. As termas são um dos elementos essenciais na organização cosmópole, tendo um papel central destinado a todos as classes sociais (anteriormente destinados à aristocracia), no arranjo e preocupação que os Romanos preservavam e desenvolveram com o bem-estar dos seus soldados, e também com o entretenimento e a deslumbrante vida social Romana.

A todos estes acontecimentos já se designava na época o Termalismo.

2.1.3 A Idade Média

Foi na Idade Média, à passagem do século IV que se verificou um retrocesso no desenvolvimento termal, com a entrada dos povos Germânicos e que findou nos inícios de século XVIII.

Ainda que a prática das águas e dos banhos não tenha desaparecido completamente, a expansão do Cristianismo definiu uma mudança significativa da arquitetura termal, procurando a Igreja demarcar-se daquilo a que chamava de hábitos e influências pagãs. A igreja via estas práticas como expressões de decadência moral, feitiçaria e bruxaria, eram considerados infames e a própria nudez era condenável. A igreja colocou entraves aos aspetos ligados à higiene e ao prazer, considerando como uma forma de hedonismo censurável.

Deste modo a igreja assumiu o domínio das fontes termais relegando estas em centros religiosos. Por conseguinte, os mosteiros têm o controlo da grande parte das fontes termais, passando a ser seus detentores, impondo as suas práticas e costumes.

É deste modo que algumas termas se mantêm ativas, fazendo ressurgir as noções de higiene e de cura. No entanto, com o total controlo por parte da igreja, algumas termas tornavam-se autênticos lugares de culto. Às termas que não tinham sido reguladas pela igreja, faziam-se deslocações mais discretas com o objetivo de cura e bem-estar através dos banhos.

A partir do ano 1260, as autoridades comunais atribuem forte importância à engenharia e sofisticação dos materiais, à multiplicação das condutas e suas estruturas para as grandes edificações termais da Idade Média.

As condutas permitiam a alimentação de tanques e piscinas, com a particularidade de estas se dividirem em duas alas: uma destinada aos homens, outra destinada às mulheres, imposição do cristianismo como forma de preservação da moral pública. Nestes edifícios, as paredes eram grossas, em pedra, para criar a ideia de peso e sustentação. Esta época define-se pela falta de cromatismo e pela interrupção do horizontalismo, a rutura do ritmo ao longo do eixo longitudinal voltando ao sentido rígido e sólido.

Estes balneários fixavam-se nas proximidades de aglomerações fortificadas designadas por *castelli*, e as localidades adotavam o nome do banho respetivo. Às localidades acorriam visitantes que ficavam alojados em casas, quartos ou outro tipo de alojamento de aluguer, as *stazoni*. Estas instalações eram supervisionadas pelas autoridades da região que controlavam os preços dos alugueres e a qualidade dos alojamentos.

Para a população mais abastada existiam albergues frequentados por senhores que tinham a intenção de elevar a sua reputação e o seu poder no meio social. A cura tinha a

duração de três semanas, e podia alterar consoante a maleita, e o quotidiano dos banhos estava associado a atividades lúdicas que ocupavam os tempos livres dos pacientes.

Procurava-se fazer dos espaços termais um lugar aprazável, com distintas distrações e que proporcionassem experiências muito enriquecedoras.

No entanto, a atitude da Igreja relativa às práticas e à água termal faziam sobressair uma postura contraditória, por um lado demonstra o interesse em tirar partido de um bem natural, por outro lado a nudez e a promiscuidade faziam com que as opiniões do clero não fossem unânimes.

Aliado a estes fatores, surgem por parte da ciência médica, conhecimentos mais alargados sobre os benefícios das águas termais, o que provocou algum embaraço no corpo eclesiástico. Aos poucos, a influência e o ascendente que a igreja manifestava face às águas termais, instalações e práticas, foram sofrendo alterações sucessivas, começando o seu declínio lento, mas irreversível entre os séculos XVI e XVIII.

A retirada dos muçulmanos do sul de Espanha a partir do século XIV coincide com a chegada dos turcos e à conquista de Constantinopla. Com eles trazem práticas de termalismo com profundo conhecimento e entusiasmo, uma vez que na maioria das civilizações islâmicas, a água é um elemento muito valorizado ocupando lugar de destaque na vida social e religiosa.

Em todos os países de ocupação turca são introduzidos numerosos banhos, designados por *bammam* convencendo as populações locais da importância e interesse de todas as potencialidades das águas termais.

2.1.4 Renascença

O período que decorre no início do século XV revela de forma notável uma projeção de abertura intelectual, que se reflete na Europa, sobretudo no século XVI.

Esta época despertou no homem o estudo que lhe permitiu uma nova ordem na leitura do espaço, uma lei e uma disciplina que regia a dispersão do espaço. O edifício não possui o homem, mas passa a ser agradável para este.

A partir do século XVI manifesta-se o reflexo da Renascença Italiana e da apoteose do Cinquecento, às artes, ao mundo artístico, à expansão pelos países mais próximos e que proporcionou o cruzamento entre culturas que até então viviam isoladas e pouco difundidas.

A Antiguidade veio a dar lugar a uma recriação que clarificou conceitos por variadas e evolutivas formas, no tempo e no espaço, muito para além do período renascentista.

É neste enquadramento que o gosto pelas termas, e toda a sua envolvente adquire um nível superior através da excentricidade de uma classe rica que as frequenta, permitindo a difusão de certas estâncias termais.

Procurava-se nestas vilas termais não só o restabelecimento físico pela cura, mas também, o interesse em conhecer e apreciar grandes paisagens, hábitos e costumes estrangeiros. No ambiente destas vilas termais acentuam-se a beleza e exuberância, tal como o pitoresco de certas paisagens e a vitalidade dos lugares de cura. Evidencia-se também o gosto e refinamento, quer nos edifícios, quer em todos os outros espaços da estância, dotados com o belo, o luxuoso e o natural.

O desenvolvimento e modernização das infraestruturas termais motivaram uma maior concorrência e procura de espaços qualificados. O reconhecimento dos métodos de cura por água termal aliado à falta de meios de cura alternativos, influenciaram a construção de vários hospitais próximos das fontes termais.

Pode constatar-se que o conceito de “tomar águas” ou ir a águas, torna-se por toda a Europa numa atividade fortemente apreciada e bastante difundida e conceituada pelas classes mais abastadas. Assim, a modernização das infraestruturas termais assume um papel importante nos objetivos das administrações termais e os serviços tendem a garantir uma frequência heterogénea de acordo com as classes sociais.

Programaticamente, começa-se a delinear uma separação física entre classes sociais, os doentes internos, normalmente pessoas com menos posse económica viam-se privados dos luxos e comodidades que os doentes externos, de classes mais elevadas da sociedade exigiam.

A afluência e o excesso de procura às estâncias termais contribuiu para o progresso da medicina, tal como o desenvolvimento da arquitetura e urbanismo dos principais territórios e estâncias termais na Europa.

2.1.5 O século XIX

O século XIX marca o final da época barroca e a entrada do período neoclássico. O incremento técnico e as novas tendências democráticas refletem-se na arquitetura, com edifícios representativos, tais como o parlamento, câmaras municipais, termas que transmitem o orgulho de uma nova classe. O século XIX caracteriza-se pelo ecletismo, os edifícios apresentam variações estéticas, os antigos e grandiosos ambientes fixos tornam-se pequenos cubos sobrepostos.

“Após os grandes fenómenos da revolução industrial, como o advento dos novos de locomoção, criam-se bairros periféricos e constroem-se as cidades-jardim”⁴.

A afirmação de contextos e dinâmicas desenvolvidas no setor termal no século XVIII reforça-se e expande-se no século XIX. Descobrem-se novas termas, locais de eleição e o saber científico é ampliado. As termas europeias adquirem uma nova importância, com a particularidade de perceberem vivências termais, na qual o conceito de passeio se passou a associar à cura.

Criam-se novos centros, os estabelecimentos aperfeiçoam-se, adquirindo melhores equipamentos e são construídos novos edifícios de apoio (hotéis, casinos e teatros) nas estâncias termais. Com o contexto sociopolítico e económico próprio, e a adaptação de uma filosofia de construção baseada numa harmonia entre a obra e natureza, algumas construções termais adquirem grande escala.

A simbiose entre a arquitetura e natureza apresenta vários beneficiários, dos quais os aquistas assumem um papel de destaque. Estes novos aspetos contribuíram para um novo conceito termal, uma nova forma de estruturação das estâncias e um ordenamento espacial das termas renovado.

As estâncias termais modernizaram-se, procuram dotar-se de novos e mais conceituados equipamentos, são desenhados jardins luxuriantes nos espaços envolventes, novos hotéis são planeados, os salões de baile engrandecem-se, as salas de teatro e casinos restabelecem vida e animação nas estâncias de cura.

Todos os fatores enunciados anteriormente contribuíram para o desenvolvimento da vida termal, e evidenciaram a deslocação das construções termais dos centros populacionais, enquadrando-as em parques com abundantes áreas verdes.

⁴ Carriço, A.P.S. (2013) *Metamorfoses do espaço termal. O caso das termas de S. Pedro do Sul*, Tese de Doutoramento. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Ao nível arquitetônico, os edifícios eram bastantes ecléticos, podendo-se observar alguns apetrechos como colunas, capitéis decorados, mosaicos pitorescos, abóbadas e chaminés.

Os territórios termais foram eruditamente explorados, em que os hotéis se transformaram em unidades de encanto a atrações distintas, oferecendo uma atmosfera emblemática ao seu público. Esta tendência ecoa por todos os países de tradições termais na Europa, e beneficiou também o desenvolvimento de estâncias mais modestas, favorecendo um amplo numero de estâncias, com maior ou menor reconhecimento e tradição.



Figura 5. Grande Hotel de Mondariz, Galiza (Xunta de Galicia,2016)

2.1.6 O século XX e a atualidade

No início do século XX, com a influência da escola balnear de Praga, as termas checas demarcaram-se de todas as outras devido a práticas científicas e arquitetônicas com características muito próprias, em que nalguns locais são aliados os tratamentos de água fria com climatoterapia (tratamento que tem por base a escolha de bons ares e clima), algo inovador para a época.

Em França eram construídos edifícios termais segundo estratos sociais e tipo de cliente. Em Espanha e na Alemanha aumenta a procura das estâncias termais e as cidades rejuvenescem depois da Grande Guerra.

A Exposição Internacional de Arquitetura em 1932 afirmou o modernismo, com linhas sóbrias e modernas e novos materiais como o caso do betão e do vidro, movimento que se prolongou nos anos 30.

O final da Grande Guerra marcou uma viragem nas estâncias termais, principalmente na Eslováquia e Checoslováquia, uma vez que o programa de arquitetura termal era direcionado para a assistência social (doente que regressam da guerra) e não tão direcionados para as classes mais ricas.

Com a passagem dos anos os edifícios termais começam a ser reabilitados com novas normas de utilização, tornando-se modelos únicos de modernidade. Combinam forma e função, de forma a poder dar respostas aos avanços da medicina, terapia, programas de bem-estar e novas correntes associadas às práticas termais. Os edifícios estão dotados de capacidades de resposta às necessidades atuais como novas áreas, novos tratamentos, relações funcionais, sistemas de higiene, equipamentos e separação de circuitos.

A oferta turística disponibiliza novos espaços mais adaptados às realidades de cura, prazer, bem-estar, privacidade e convívio.



Figura 6. Vidago Palace Hotel (Azalea Group,2016)

2.2 Termalismo em Portugal

A utilização das águas termais em território português é anterior à fundação do país. Os registos arqueológicos mais antigos relatam a presença e o culto dos povos ancestrais pela água, e estão circunscritos ao atual distrito de Braga, sendo anteriores ao período céltico.

Várias povoações se instalaram nas imediações de fontes e nascentes termais e designavam-se por “caldas”, “caldelas”, “termas” ou “banhos”, de acordo com o período histórico. Com o império Romano muitas das fontes foram utilizadas e melhoradas. É à cultura romana que estão associados o desenvolvimento dos estabelecimentos balneares e a utilização das águas termais.

Trazida da cultura grega, o uso das águas associado à saúde e bem-estar, a cultura romana concede uma vertente de caráter social à utilização das águas.

A invasão dos Bárbaros e dos Árabes no século V pauperizou muitas das termas então existentes. No entanto a cultura árabe, dotada de cultura médica elevada, reconheceu o valor das águas que brotavam do solo e formaram novas termas (exemplo das termas de Alcaçarias em Alfama).

Mais tarde, com a fundação da nação Portuguesa, vários reis reconheceram a importância e o valor das águas de nascente. O primeiro rei português, D. Afonso Henriques, ferido na batalha de S. Mamede, foi aconselhado a realizar um tratamento com águas termais nas Caldas de Alafões, hoje conhecidas por Termas de São Pedro Sul.

A utilização das águas termais manteve a simbiose entre a saúde e a recreação. Todavia, tal como na Europa Medieval, os banhos enfrentavam uma certa resistência por parte da igreja. Os banhos passaram a ter uma índole profana em contraste a um certo cariz místico de purificação presentes noutras culturas.

Porém mais tarde, a igreja evoluiu nas suas convicções e passa o clero a administrar estabelecimentos termais e a organizar peregrinações aos lugares de emergências das águas, como é o caso das Taipas, Gerês, Caldelas, entre outras.

A realeza tinha um papel preponderante nas intervenções relacionadas com as termas do território. Havia a necessidade de dar resposta a situações de doenças como a lepra. Os hospitais, designados por gafarias, acolhiam pobres e indigentes, cumprindo uma função assistencial na qual a componente social se impunha à componente terapêutica.

O diferente comportamento sociocultural e religioso em relação ao fenómeno dos benefícios dos banhos, passam a conferir-lhes em definitivo capacidades curativas e várias

águas ficariam a ser conhecidas como águas santas ou fontes santas. Em torno destes lugares são erigidos balneários, conventos e hospitais.

Para além das edificações, sentiu-se a necessidade por parte da realeza, de fazer um estudo e levantamento das emergências termais, as suas características e composições e também a sua ordenação. Aparecem as primeiras publicações científicas por parte dos médicos da corte, com especial referencia para Francisco Fonseca Henriques, conhecido por Dr. Mirandela, que em 1726 edita o afamado “Aquilégio Medicinal”, considerado o primeiro tratado de sistematização e classificação das águas minerais em Portugal.

No século XVIII a aristocracia, redescobre as termas. Os monarcas portugueses seguem as tendências europeias e vão a banhos. Os destinos termais ficam marcados pelo gosto aristocrático.

Porem, é já nos séculos XIX e XX em sintonia com o resto da Europa que ocorre o verdadeiro “boom” do Termalismo em Portugal⁵. Era comum famílias inteiras instalarem-se nos seus sumptuosos hotéis das estâncias termais.

O rápido crescimento de infraestruturas terapêuticas e turísticas das estâncias termais permitiu um crescente fluxo de pessoas às termas. As vivências das estâncias termais incitaram a conceção e construção de novos balneários, estabelecendo relações entre a arquitetura e a medicina. Os espaços termais articulam-se entre novas áreas. A área balnear detém novas funções complementares, balneário e alojamento ou balneário e zona de convívio. O programa dos edifícios acomodava-se cada vez mais às especializações e funções, e no qual já se verificaram a separação por sexos e por classes nas áreas de tratamento. Os novos equipamentos modernos, vapores, duches, saunas, inalações e pulverização, são instalados.

As organizações dos espaços, com influência da luz e ventilação natural, eram próprias a convivência e ao descanso. O átrio tinha o importante papel como distribuidor dos restantes espaços de tratamentos, era o sítio mais emblemático, muitas das vezes era a receção do edifício e integrava à sua volta as galerias, os espaços banhos e de tratamentos. Os corredores eram normalmente longos e decorados em cerâmicas de motivos geométricos, os pavimentos eram padronizados com mosaicos, o mobiliário em madeira, combinada com pedras e mármore, que proporcionava um ambiente requintado e fausto.

⁵ Cantista, A.P.P. (2008-2010) Anales de Hidrología Médica, Volume 3.

A este período de ventura do termalismo nacional e europeu segue-se o declínio com a era da cura farmacológica. É nos anos setenta do século XX que se presencia a maior quebra das práticas termais. Foram vários os fatores fulminantes, a revolução de 1974 acentua as dificuldades das empresas concessionárias, que porventura ainda tiveram um balão de oxigénio com a comparticipação significativa dos tratamentos e estadia nas estâncias termais, porém logo de seguida no decorrer da década de oitenta, cessa a comparticipação da estadia e o reembolso das práticas termais torna-se gradualmente escasso, começam os balneários a serem abandonados e assiste-se à degradação dos mesmos, os hotéis tornam-se obsoletos e sem a graça que os caracterizam e a classe médica perde o interesse e negligencia o ensino da Hidrologia nos cursos de medicina.

No entanto, a persistência no campo científico, procurou incluir a disciplina de Hidrologia, principalmente vocacionada a estudantes mais ligados a questões de ecologia e ambiente, para que estes integrem a mensagem do termalismo como terapia holística. Entende-se a partir deste pressuposto que existem evidências científicas para a crenoterapia (tratamento terapêutico com recurso a águas minerais) e compreendem que a água mineral natural pode ter propriedades terapêuticas.

Na associação lúdica e turística, surge uma nova mentalidade. Aborda-se a importância do Turismo de Saúde, fazem-se obras de beneficiação dos balneários e despertam novas ofertas hoteleiras de grande qualidade. O parque termal português vive agora de excelentes instalações, com infraestruturas e equipamentos de qualidade. É integrado por parte dos concessionários o termalismo de bem-estar dentro dos novos enquadramentos legais.

As estâncias termais têm vindo com o passar do tempo, a ocupar um lugar que perdeu e tendem a assumir-se como polos de promoção de hábitos saudáveis, de prevenção e tratamento de certas patologias.

Os financiamentos por parte da União Europeia incentivam a criação de novos projetos equipados nos contornos em que assenta a atualidade moderna do termalismo português.

2.3 O Centro Termal do Eirôgo

O Centro Termal do Eirôgo, outro designado por Caldas do Eirôgo, fica localizado na freguesia de Galegos Santa Maria, dista a cinco quilómetros a nordeste do concelho de Barcelos, na Quinta do Eirôgo.

Os primeiros registos de utilização das águas termais no concelho datam entre os anos 1820 e 1823, onde o uso das águas como terapia é atribuído ao cirurgião Manuel Lopes Albuquerque.

As águas termais do concelho emergem em três pontos relativamente próximos. Uma das nascentes surge no lugar de Mosqueiros, na freguesia de Lijó, a cerca de 700 metros do Centro Termal do Eirôgo. As outras duas nascentes afloram, uma no lugar de Castanheirinhos, junto à ribeira do Eirôgo e a outra a cerca de 60 metros da antiga casa senhorial da Quinta do Eirôgo. Estas duas últimas localizam-se bem junto uma da outra. É na afloração destas nascentes que surgem as primeiras notas de edificação de balneários no concelho.

Na nascente de Mosqueiros, a água emerge do granito, acumulando-se nas depressões das rochas e depois conduzida por calhas de madeira para ser aquecida numa caldeira de cobre num arcaico estabelecimento de banhos. Este estabelecimento definia-se por um edifício de alvenaria com corredor central que dividia o espaço “com 13,40 metros de frente, 6,70 metros de largo e 2 metros de pé direito”⁶, dividido em nove compartimentos, oito dos quais constituíam os banhos equipados com banheiras de pinho e um nono compartimento onde se encontrava a caldeira de ferro que aquecia a água.

No lugar de Castanheirinhos, a “água brota do fundo de um poço quadrangular com 2,56 por 2,65 de lado, com base de rocha viva irregular e granítica [...] Quase encostado ao poço, existe um forno, toscamente construído, contendo uma caldeira de ferro na qual a fogo direto são aquecidas as águas sulfúreas, que vão alimentar o modestíssimo balneário contíguo.”⁷ Lopes, 1892. O balneário é elementar, as paredes de fundo e laterais são em alvenaria, a parede frontal e o teto são compostas por tábuas sobrepostas onde entra a luz e o frio pelas frestas. Este edifício organizava-se em cinco compartimentos, cada um com “2,05 metros de fundo, 1,45 metros de largo e 2,26 metros de alto”⁸ (águas de Portugal, volume IV, 1944), equipados com banheiras de pinho.

⁶ Melo, M.C. (1894) Reconhecimento das nascentes de águas minerais dos Castanheirinhos e Quinta do Eirôgo.

⁷ Lopes (1892) Das termas aos “spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

⁸ Melo, M.C. (1894) Reconhecimento das nascentes de águas minerais dos Castanheirinhos e Quinta do Eirôgo.

No ano de 1894 foi dado o primeiro alvará de exploração (figura 8), poucos meses após a regulamentação da Lei de 1982 que obrigava ao pedido de concessão de exploração de espaços termais. Esse alvará é passado a favor de Crysogono Alberto de Sousa Correia.

Eu O Rei Faço saber aos que este Meu Alvará virem que tendo-me sido presente o requerimento em que Chrysogono Alberto de Sousa Corrêa pede lhe seja concedida licença para explorar as nascentes de aguas minero-medicinaes dos Castanheirinhos junto ao lugar de Mosqueiro, freguesia de Santa Maria de Lijó, e da Quinta de Eirôgo, na freguesia de Santa Maria de Gallegos, ambas situadas no concelho de Barcellos, districto de Braga;

Vistos os documentos por onde se mostra, ter o requerente satisfeito a todos os preceitos estipulados no artigo sexagesimo primeiro do decreto com força de lei de trinta de setembro de mil oitocentos noventa e dois, que regulou o aproveitamento das nascentes de aguas minero-medicinaes e a exploração de estabelecimentos annexos;

Vista a consulta do Conselho Superior de Obras Publicas e Minas e o parecer da Junta Consultiva de Saude Publica:

Faço por bem, conformando-me com os pareceres expressos nas mencionadas consultas, Conceder, nos termos da deliberação da camara municipal de Barcellos, tomada em sessão de trez de dezembro de mil oitocentos cincoenta e trez, a Chrysogono Alberto de Sousa Corrêa, licença para explorar as sobras da nascente de agua minero-medicinal dos Castanheirinhos junto ao lugar de Mosqueiro, freguesia de Santa Maria de Lijó, e definitivamente, por tempo illimitado, a nascente da Quinta de Eirôgo, na freguesia de Santa Maria de Gallegos, ambas situadas no concelho de Barcellos, districto de

Figura 7. Alvará de Concessão do Centro Termal do Eirôgo(1-3).

Braga, ficando o concessionario, sujeito a todos os encargos e obrigações impostas pelo mencionado decreto, com força de lei de trinta de setembro de mil oitocentos noventa e dois, e a todas as leis e regulamentos que de futuro vierem a ser promulgados.

Pelo que Mando a todos os tribunales, autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento deste Meu Alvará competir, que o cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contém.

Não pagou dircitos de mercê por osinto de ver.
E, por Mimera do que dito é, este vai por Mim assignado e sellado, com os sellos das Armas Reaes e com o de verba.

Dado na Toça, aos dezesseis de junho de mil oitocentos noventa e quatro.

Il. Rei

Carlos Lobo d'Arice

Alvará pelo qual Vossa Magestade Rex por bem Conceder licença a Chrysogono e Alberto de Sousa Corrêa para explorar as nascentes de aguas minero-medicinaes dos Castanheirinhos, junto ao lugar de Mosqueiro, Freguesia de Santa Maria de Lito, e da Quinta de Eirôgo, na Freguesia de Santa Maria de Gallegos, ambas situadas no concelho de Barcellos, districto de Braga, pela firma e com as prescripções retri declaradas.

Para Vossa Magestade Ver.

Figura 8. Alvará de Concessão do Centro Termal do Eirôgo(2-3).

*Passou-se por despacho de vinte e um
de maio do corrente anno*



**Fg. de sello, verba n.º 41, a quantia
de *dois mil reis*
Lx.º Ho.º da 5.ª Sec.ª de *Junho* de 1894**

[Signature] *[Signature]*

*Pagou vinte e dois mil quatrocentos
e setenta e dois réis de emolumentos
e respectivos impostos pela guia
N.º 18 da serie de 1894
P. R. *Das 3.ª Amieida**

José Ricardo Baptista o 1.º

Figura 9. Alvará de Concessão do Centro Termal do Eirôgo(3-3).

O relatório de ordenamento e conhecimento a que esta Lei obrigava foi incumbido ao engenheiro Correia Melo, que depois de descrever as emergências e os obsoletos balneários de Mosqueiros e Castanheirinhos, refere um terceiro balneário modesto, construído adjacente à casa da Quinta do Eirôgo, que poderia satisfazer as condições mínimas exigidas pelo tratamento hidroterapêutico.

Em 1885 iniciou-se o uso terapêutico das águas, por indicação do Dr. Alheiro, médico de renome em Barcelos.

Numa referência ao jornal Gazeta do Povo, datado do dia 10 de agosto de 1889, está indicado que as Caldas do Eirôgo se regem pelas Caldas de Vizela, com os banhos equipados com dez banheiras, algumas em zinco, outras em cimento, com os quartos bem-acondicionados e o custo dos banhos se estabelecer em 100 reis para 1ª classe e 40 reis para banhos de 2ª classe.

Em 1907, as Caldas são visitadas pelo Dr. Tenreiro Sarzedas, que acaba por fazer a distinção das três explorações termais e refere como data de início das explorações meados do século XIX, justificado com a publicação de um folheto sobre estas águas datado de 1854. Estima-se que os balneários tenham sido construídos treze ou catorze anos depois da análise das águas por José Júlio Rodrigues no ano de 1885. O hotel, foi parte significativa de um conjunto de melhoramentos, construído sensivelmente entre 1902 e 1905, junto da estância, em moldes de construção moderna, com capacidade para albergar cinquenta hóspedes.

Por parte do Dr. Tenreiro Sarzedas, são ainda elogiadas as instalações bastantes modificadas e cuidadas, com instalações para banhos de imersão, duches de agulheta, duches vaginais, duches nasais e pulverizações. Os banhos de 1ª classe dispunham de um balneário com quatro banheiras de mármore de lioz (figura 10), os de 2ª classe, oito banheiras de azulejo e para os de 3ª classe, sete banheiras de cimento.



Figura 10. Sala de Tratamento com Banheira em Lioz.

Quanto ao aproveitamento do balneário de Mosqueiros, o Dr. Tenreiro Sarzedas refere estas são “as instalações balneares mais primitivas que encontrei. Numa casa abarracada e muito pouco limpa, com divisões de madeira, estão três ou quatro compartimentos, com outras tantas banheiras escavadas no próprio pavimento, e ao lado uma caldeira de metal, semelhando as que faziam parte dos antiquados alambiques de destilação, destinados a aquecer a água de se faz uso nos banhos.”⁹.

Luiz Acciaiuoli, engenheiro chefe da Inspeção das Águas, do Departamento de Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos ao encargo do Ministério da Economia, aponta numa inspeção ao local no ano de 1923, que os resultados indicavam a má captação das águas, as salas de inalações e pulverizações desativadas por causa dos respetivos aparelhos estarem inutilizáveis, apontando a uma fase de decadência. Quanto ao balneário de Mosqueiros, encontrava-se já por essa altura em ruínas.

No ano seguinte, em 1924, o alvará de concessão é redigido a favor de Francisco de Sousa Correia e demais herdeiros do primeiro proprietário. Porém estes nada fizeram para melhorar as condições da estância, e só no ano de 1939, o alvará é notificado em nome de Dr. Aurélio Augusto de Queiroz, conceituado médico hidrologista da região. Este encontra o espaço do centro termal completamente desajustado aos cânones que regiam as termas em território nacional, em avançado estado de degradação e inicia a sua difícil recuperação.

Luiz Acciaiuoli, nas décadas de 30 e 40 elaborou vários relatórios anuais acerca das explorações concessionadas e é possível observar no relatório do ano de 1939, que o esforço do Dr. Queiroz havia produzido resultados, registando nesse ano cerca de 155 aqistas. É importante referir que este foi também um período muito notável no que toca às estâncias e práticas termais. No entanto, mesmo relatório, Acciaiuoli refere que o balneário e hotel se encontravam em condições muito parcas, aconselhando a que fossem feitas obras de reabilitação do centro termal para que este pudesse acompanhar o desenvolvimento das restantes estâncias termais em Portugal. Com efeito, o ano posterior registou uma quebra na afluência de aqistas, verificando apenas 115 entradas, com procura substancial de curas reumáticas e doenças de pele.

No ano de 1940 foi imposto ao concessionário a obrigação de proceder à renovação do estabelecimento termal, obras que não se acabaram por verificar, em parte devido à morte do Dr. Queiroz.

No entanto, a falta de obras de reabilitação do espaço, não impediram que os anos de 1941 e 1942 fossem prósperos. As entradas registadas atingem o número de 287 e 280 aqistas, respetivamente.

⁹ Rodrigues, J.J. (1885) Succinta Noticia, As águas Sulfureas do Mosqueiro e de Santa Maria de Gallegos nos subúrbios de Barcellos. Typographia da Academia Real das Sciencias. Lisboa.

O concessionário, após o termo do Dr. Queiroz, foi assumido pelo seu filho, também ele clínico hidrologista, o Dr. Mário Augusto Queiroz. Assim que tomou o cargo e tirando proveito da constante ascensão das práticas termais, o interesse sobre termas que a aristocracia portuguesa apresenta e conseqüentemente o crescente fluxo de pessoas às estâncias termais, promoveu alterações no Centro Termal do Eirôgo, nomeadamente a substituição completa do sistema de canalização. Por conseguinte, alcançou um registo notável de entradas que ascendeu aos 304 aquistas no ano de 1945.

Oito anos depois, em 1953, na publicação do 2º volume de *Le Portugal Hydrominéral* menciona que o Centro termal do Eirôgo como estação hidromineral, não acompanha o desenvolvimento de outros centros termais e o próprio estabelecimento é antiquado.

Nos anos seguintes, em consequência da falta de aposta em modernização dos espaços e evolução de práticas medicinais termais, acentuado pelo declínio que se fez sentir na década de 70 com as práticas termais em detrimento da cura farmacológica, a estância do Eirôgo atravessa um período de progressiva decadência, registando apenas entradas pontuais da população local para curas de foro reumático, que aos poucos foram desaparecendo até à década de 90.

Na década de 90, já sob a alçada do Dr. Mário Fernando Queiroz, neto do Dr. Aurélio Queiroz, terceiro de uma era de médicos hidrologistas, foi aprovado um perímetro de proteção obrigatório deste espaço, sendo estas termas as primeiras no país a terem esta aplicação.

Na viragem do milénio, finais dos anos 90, os proprietários em colaboração com a Associação de Municípios do Vale do Ave, candidataram-se a um programa com fundos europeus designado por Thermaios, sobre o qual havia a intenção de fundir o termalismo do Eirôgo com um projeto de turismo rural.

No entanto este projeto não foi avante por falta de recursos necessários, estando neste momento o Centro Termal do Eirôgo em condições deploráveis, e perdendo-se um bem precioso que poderia estar ao serviço da comunidade como são as águas termais.

2.3.1 Características das Águas Termais da Quinta do Eirôgo

As águas termais do Centro Termal do Eirôgo nascem nas proximidades de uma pequena ribeira afluente do rio Cávado que limita a da Quinta do Eirôgo.

A água de Castanheirinhos e da nascente próxima da casa da quinta, surdem sobre rocha granítica, e apesar da exposição à ação do ar, sol e chuva propagam o cheiro sulfúreo que as caracteriza. Estas águas registam temperaturas distintas nos mananciais, possuem características são muito idênticas quanto à mineralização, mas diferentes em relação à natureza termal e caudal.

Estas duas emergências abastecem a estância termal. As águas do Eirôgo registam temperaturas de 17° C e apresenta um caudal estimado em 25000 litros por dia. As águas da fonte dos Castanheirinhos, apresentam uma temperatura e caudal ligeiramente superior, e é utilizada exclusivamente na estância ao contrário do que acontece com as águas da fonte de Galegos que em parte é utilizada na irrigação de terrenos vizinhos.

Estas águas são recomendadas para doenças de pele, doenças do aparelho respiratório, irrigações nasais, pulverizações, nebulizações, reumatismos, musculares e articulares, doenças do estômago e doenças intestinais. No aspeto balnear, existiam equipamentos para banhos de imersão, duche subaquático, duche normal e duche Vichy. A época termal estava assinalada aos meses mais quentes, concretamente do dia 1 de junho a 31 de outubro.

As águas no que concede à sua natureza e classificação são classificadas como sulfúreas frias¹⁰, hipossalina, bicarbonatada, cloretada sódica, siliciosa e sulfídrica¹¹, sulfúrea sódica e hipotermal¹², sulfúrea, alcalina, fluoretada e radioativa¹³ e sulfúrea sódica, hipotermal¹⁴.

¹⁰ Schiappa de Azevedo (1867) Das termas aos “spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

¹¹ Prospecto de propaganda (1912) Caldas do Eirogo, Concelho de Barcellos. Barcelos

¹² Acciaioli, Luiz (1939) Aguas de Portugal, Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939.

¹³ Nunes de Oliveira (1951) Das termas aos “spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

¹⁴ Calado (1995) Das termas aos “spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

2.3.2 Estudo Geológico e Hidrogeológico

As termas do Eirôgo situam-se no Maciço Hespérico, na margem direita do Baixo Cávado, a cerca de 100 metros de altitude, numa área constituída por rochas graníticas de idade hercínica, com granularidade fina a porfiroide, composto de quartzo branco, feldspato também branco, e mica preta, havendo alguns cristais grandes de feldspato, cobertas em alguns locais por depósitos detríticos modernos. A região onde se localizam as Termas do Eirôgo é marcada por importantes acidentes de falha, em que o mais importante da região, de idade hercínica.

A origem geológica das nascentes é inquestionavelmente profunda e alastra-se por uma extensa zona subterrânea, sob a qual se reconhece, ainda que mal e empiricamente aproveitadas as qualidades sulfídricas das águas no concelho de Barcelos. Do ponto de vista hidrogeológico, estas águas minerais têm origem meteórica. As nascentes ocorrem ao longo de fraturas em que, durante o percurso ascensional, já perto da superfície, a água origina várias emergências disseminadas por uma área relativamente pequena. Os débitos das nascentes parecem apresentar uma grande estabilidade ao longo do tempo.

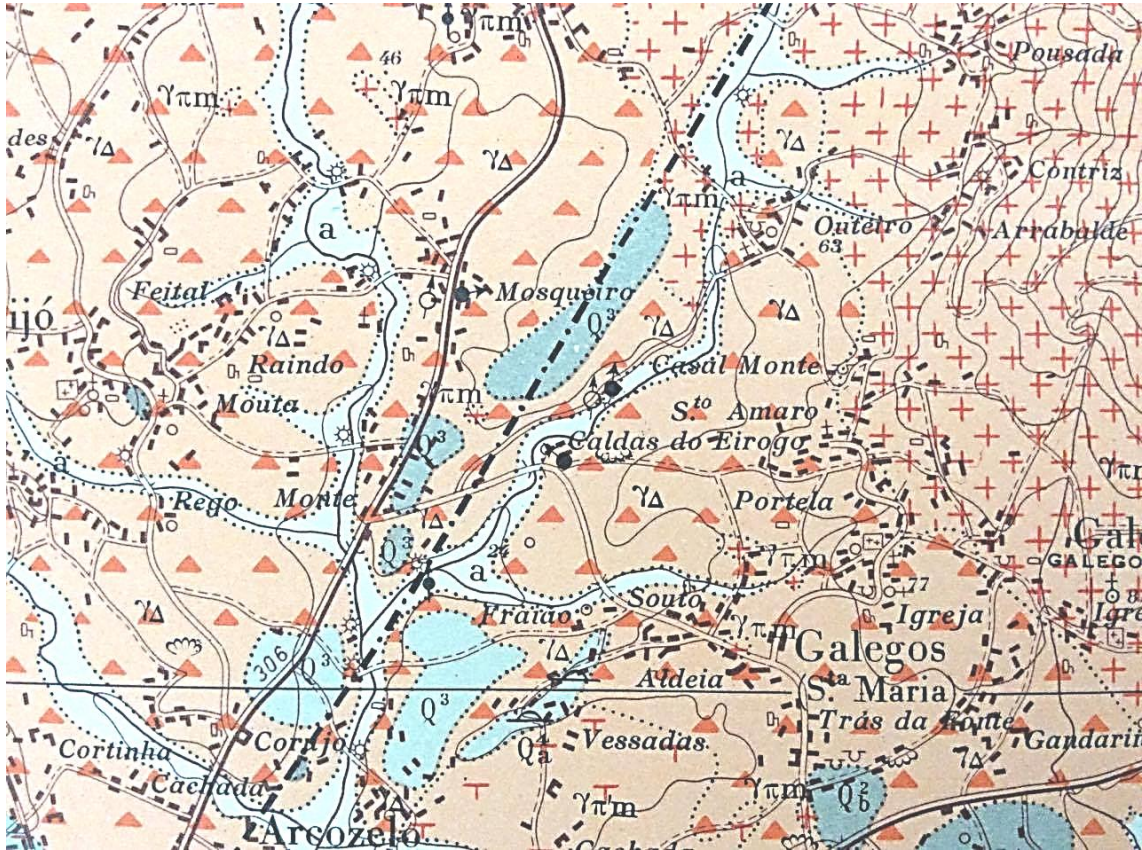


Figura 11. Extrato Carta Geológica de Barcelos (Teixeira, Medeiros, 1969).

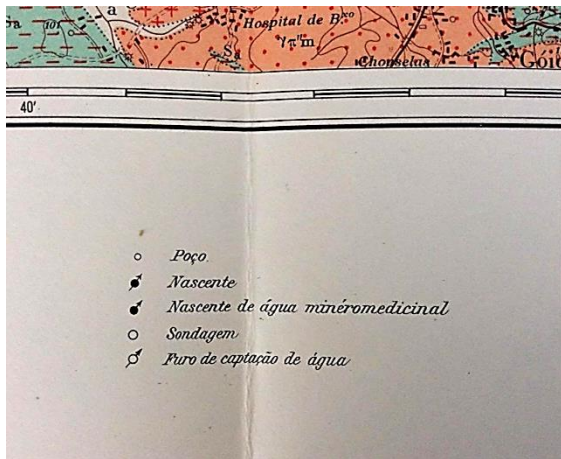


Figura 12. Legenda da Carta Geológica (Teixeira e Medeiros, 1969).

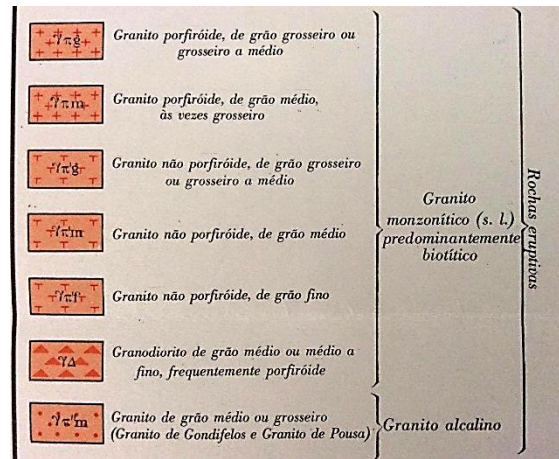


Figura 13. Legenda da Carta Geológica (Teixeira e Medeiros, 1969).

2.3.3 O Centro Termal do Eirôgo

Ao fundo, onde convergem as estradas, vislumbra-se um plano branco maculado, refém do abandono, organizado com uma matriz rígida e um traço que lhe permite instituir escala e proporção na relação com o homem.

O volume que se apresenta deixa-se diluir pela vegetação que ascende à membrana que reveste o edifício e alcança o ponto mais alto que a vista compreende.

No âmago da composição rítmica, observamos outros dois volumes. Um, adunado a este, será certamente um recetáculo de memórias, porém desenquadra-se na expressão de todos os outros. Talvez por ser mais recente, por não se coadunar na organização simétrica dos outros volumes, sem os seus vínculos e formas.

No lado oposto, o olhar deteta, ao fundo numa alameda de sombras, outrora devidamente arruada, a parte superior de um torreão. Este, eleva-se sobre um corpo, que quando nos acercamos dele, relacionamos a geometria, o ritmo, a simetria que caracteriza os edifícios da estância. Esta unidade suporta em toda a sua estrutura o caráter delineador da sua história. Este corpo relaciona-se com o primeiro, pela linguagem, pela materialidade e até pela forma como os revestimentos das paredes apresentam degradação, indiciando que foram erigidos na mesma época e sob as mesmas linhas e modelos orientadores.

É de todo importante referir que este volume do torreão central, em tempos serviu para albergar um depósito de água, está confinado a um outro espaço, mais antigo, mas com um valor nativo nas preexistências da Quinta do Eirôgo.



Figura 11. Vista sobre Hotel e Balneário do Centro Termal do Eirôgo.



Figura 12. Hotel do Centro Termal do Eirôgo.



Figura 13. Hotel do Centro Termal do Eirôgo.



Figura 14. Acesso Principal do Centro Termal do Eirôgo.



Figura 15. Passagem entre Hotel e Balneário.



Figura 16. Torreão Central do Balneário.



Figura 17. Antiga Casa da Quinta do Eirôgo e Capela.



Figura 18. Antiga Casa da Quinta e Balneário.

2.4 Enquadramento Histórico-Geográfico

Galegos Santa Maria, uma terra do concelho de Barcelos, berço do símbolo que eleva o nome do concelho e do país a nível mundial, o Galo de Barcelos. Situa-se no vale do Tamel, assente numa planície com ligeiros relevos de terreno, distante a quatro quilómetros da cidade de Barcelos.

Galegos é uma freguesia com cerca de 5 km², e 3000 habitantes, foi desde muito cedo associada à olaria e artesanato, resultado do aproveitamento de barro. O símbolo da terra nasceu das mãos do senhor Domingos Côto. Nesta terra, e também nas aldeias vizinhas mais próximas, a produção de peças cerâmicas tem algum relevo a nível económico e social, com artesãos a dar vida às famosas peças do artesanato português, o Galo de Barcelos e o Figurado.

À falta de registos, da origem da freguesia pouco se pode apurar, no entanto crê-se que o nome Galegos deriva do acampamento de uns homens da Galiza que se instalaram neste povoado após a reconquista da Península Ibérica aos árabes.

As origens mais remotas de Galegos Santa Maria remontam à família de Mumadona Dias, Condessa do Condado Portucalense, considerada a mulher mais poderosa do seu tempo na Península Ibérica.

Um documento de 1081, faz referência às Villas Gallegus, uma doação de villas por Gondisalvus Luz, herdeira de Mumadona Dias, à filha Uniscone. No ano de 1220, nos documentos das Inquirições Gerais sob ordem de D. Afonso II, aparece a primeira referência ao atual nome da terra com o registo de Sancta Maria de Gallegos.

De maior relevo à apenas a apontar a integração no ano de 1835 da freguesia no concelho de Barcelos que até então pertencia ao concelho de Prado.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO PRÁTICA

3.1 Metodologia e Conceito

“O elemento necessário de novidade introduzido corre o risco de submeter-se à complexidade das relações com as preexistências: opõem-se, no “campo”, uma dissimulação tendencial e a invenção de novos sinais radicais que, geralmente, explicitam as diferenças e as inversões de sentido introduzidas no sítio. [...] trata-se de trabalhar, concretamente, no contexto acrescentando, subtraindo, deslocando, dividindo espaços, matérias, trata-se, portanto, de operar com técnicas primitivas que, quantificando, exigem clareza e, portanto, linhas e planos geométricos simples.”¹⁵

A natureza como elemento do quotidiano interage inevitavelmente com o ser humano. É a causa de estímulos sensoriais, em que o contato entre o homem e o plano natural provoca uma reação na pessoa e lhe faz sentir o ambiente que admira.

Esta relação homem-natureza pode ser confrontada para explicar a razão da escolha deste projeto. Após vários acontecimentos desta índole, este espaço, a estância termal provocou um estímulo sensorial e obrigou a que o percurso fosse interrompido para contemplar aquela composição de edifícios.

Levada em conta toda a história que o lugar conserva, considerando o seu percurso regenerador associado à cura e reabilitação foi impreterível a manutenção dos dois volumes diretamente relacionados com a atividade termal e com a memória do lugar.

Com o intuito de preservar a casa da Quinta e a Capela, assim como o balneário adunado e, também o majestoso edifício do hotel, foi essencial criar um elo de conexão entre estes dois volumes. Um terceiro volume referido anteriormente pela falta de coerência na linguagem arquitetónica será desmantelado, com o propósito de naquele sítio, edificar um volume novo adjacente ao hotel com um elemento ténue que interliga os dois volumes e fixa a relação entre as preexistências e o novo edificado.

“O sítio é um pressuposto. Não existe o sítio. O sítio é o instrumento. É impossível fazer casas sem ter um lápis, e ter casas sem ter um sítio. E o sitio é aquilo que se quer que ele seja.”¹⁵

No corpo termal, o procedimento segue o modelo adotado na parte hoteleira. Foram demolidas pequenas construções existentes descontextualizadas ao programa, foi necessário adaptar as preexistências, e houve a necessidade de uma intervenção de grande escala contígua ao corpo do balneário.

¹⁵ Siza Vieira, A. (2009) 01 Textos. Civilização Editora. Porto.

O corpo do hotel e ampliação do mesmo gozam de um programa específico, com características próprias para o serviço hoteleiro, equipado com elementos de qualidade e conforto que proporcionem o bem-estar e a comodidade dos utilizadores.

O espaço confinado às práticas termais será redesenhado, procurando manter as preexistências dotando-as de novos e modernos equipamentos adaptados à realidade termal e aos serviços prestados. A maior intervenção arquitetónica é justificada com o plano de funções que vão dar respostas às carências da estância termal, com conteúdos programáticos indispensáveis na prestação de cuidados de saúde em espaço termal.

O elemento conector entre os volumes edificados tende a dissimular-se na paisagem, sendo apenas inteligível pelo traço longitudinal que atravessa entre o hotel e o balneário.

Foi tido em consideração a analogia entre os “novos radicais”, caso do edificado, e o “sítio onde se trabalha”, caso de espaço envolvente, tentando aproximar o homem e a natureza, permitindo conceptualmente a utilização de todos os espaços, e a interligação destes com o exterior, feita através das suas aberturas ou criada pela configuração das superfícies térreas adossadas ao terreno.



Figura 19. Entrada Principal do Hotel.



Figura 20. Escada de acesso na entrada do Hotel.



Figura 21. Recepção do Hotel.



Figura 22. Entrada do Restaurante.



Figura 23. Corredor de acesso aos quartos do rés-do-chão.



Figura 24. Acesso aos quartos do rés-do-chão.



Figura 25. Quarto do Hotel.



Figura 26. Quarto do Hotel.



Figura 27. Acesso ao piso superior.



Figura 28. Corredor de acesso aos quartos no 1º piso.



Figura 29. Acesso aos quartos no 1º piso.



Figura 30. Quarto do 1º piso.



Figura 31. Cobertura.



Figura 32. Átrio do Balneário.



Figura 33. Fonte do Balneário.



Figura 34. Corredor do Balneário.



Figura 35. Vão ao fundo do corredor do Balneário.



Figura 36. Ruína a manter.



Figura 37. Ruína a manter.



Figura 38. Caldeiras.

3.2 Programa e Questões Formais

Fazer a adaptação de um edifício preexistente a um conteúdo programático atual, com novas funcionalidades, exige um minucioso estudo do espaço e como este pode ser alterado e reformulado.

Procurou-se neste projeto com imposições legais que protegem este território, que de acordo com o Plano Diretor Municipal de Barcelos, presente na Planta de Ordenamento I, está inserido na UOPG (Unidade Operativa de Planeamento e Gestão) número 35 num espaço destinado a equipamentos e infraestruturas, classificado segundo a Planta de Ordenamento II, como bem imóvel de categoria C - Bens Imóveis Não Classificados a Salvar, integrado na Estrutura Ecológica Fundamental e Integrada. A Planta de Condicionantes, indica que este território se situa em Espaço de Concessões Minerais e de Água Termal, com Perímetro de Proteção de Águas Minerais e de Nascente, na Reserva Ecológica Nacional.

Tendo em consideração o artigo 24º, o artigo 61º, artigo 142º e Anexo II (UOPG35), foram desenvolvidas as linhas orientadoras do projeto.

Após a análise do levantamento topográfico e de projeto, de visitas ao local e visitas técnicas de estudo a outras termâncias termais, e considerando os aspetos legais enunciados anteriormente, foi estudado de que forma esta reabilitação e ampliação destes espaços conseguem preservar os valores intrínsecos na relação com o lugar e as valências que este trás à envolvente do centro termal.

As linhas orientadoras do programa de reabilitação e ampliação do hotel e balneário obriga a que sejam demolidas partes integrantes dos volumes, incidindo fortemente sobre o corpo do hotel. Contudo, serão mantidas as singularidades que caracterizam este edifício, nomeadamente a composição rítmica dos alçados.

O espaço de hotel preserva as fachadas primitivas, exceptuando o alçado nascente que sofre uma profunda alteração, tentando adaptá-lo à linguagem dos outros alçados e simultaneamente aos espaços e novas funcionalidades que serão projetados.

A estrutura rudimentar em pedra granítica é conservada no rés do chão, mantendo as características definidoras dos espaços.

A entrada principal manteve o lugar original, centrada no edifício, embora tenha sido redesenhada e ampliada. Neste ponto, um elemento desenhado especificamente para cumprir a função de receção do hotel, esconde, por detrás de si, os acessos às zonas administrativas.

A receção é um elemento essencial na organização e comunicação dos espaços. A partir deste centro, somos atraídos ao espaço mais nobre do corpo do hotel, um espaço definido pelo

duplo pé-direito, com uma escada quase figurativa, e uma pequena zona de estar que contempla alameda de sombras do exterior. Adjacente a este lugar, a pedido especial do proprietário, está uma outra sala que poderá servir exposições temporárias de artesanato da região, colóquios, apresentações e conferências. Existe ainda a possibilidade de integrar neste espaço uma loja de serventia aos utilizadores do hotel.

Este piso é indissociável aos serviços, e nesse seguimento foi desenhada uma coluna de serviços de apoio ao hotel, assim como balneários de pessoal afeto ao serviços do hotel e lavandaria. No corpo antigo do hotel são ainda integradas as instalações sanitárias.

O espaço de hotel é rompido com um elemento alongado que se volta para dentro do terreno e se fecha para a rua. Confinado a este volume estão o restaurante, o bar de serviço a pequenos almoços e a cozinha.

O outro braço que se alonga ao edifício existente do hotel, com relação de paralelismo com o restaurante, detém os espaços que resguardam as comunicações verticais e o acesso à zona termal, e elucida a transição entre o antigo e o contemporâneo, marcada pelo elemento ténue e translúcido que faz a passagem às zonas lúdicas e de lazer do hotel, equipadas com salas de convívio, sala de televisão, sala de jogos e adega.



Figura 39. Diagrama de disposição dos espaços.

O objetivo desta intervenção é a conversão do hotel num ambiente agradável, contemporâneo, com capacidade de alojar cerca de sessenta hóspedes, que possa ter impacto a nível económico e sócio-cultural, ajustado ao mesmo nível das restantes estâncias de referência em Portugal. Por opção, este edifício será desenhado e projetado com o intuito de lhe ser atribuída a categoria de Hotel 4 Estrelas (★★★★).

A consulta à Portaria Nº 309/2015 de 25 de setembro contribuiu para a definição e clarificações dos espaços e para o cumprimento de requisitos mínimos obrigatórios nas instalações, no nível de equipamento e mobiliário, nos serviços, em lazer e negócios e em qualidade e sustentabilidade.

O Anexo I, Estabelecimentos hoteleiros e hotéis rurais, foi o fio condutor para a delimitação e distribuição de áreas aos espaços constituintes do projeto.

O primeiro piso do hotel, foi afetado por não cumprir as necessidades que se impunham na elaboração do projeto, e conseqüentemente sofreu um processo de demolição completa do seu interior em que apenas foram salvaguardadas as paredes das fachadas.

Ao nível estrutural foram considerados os alinhamentos que o piso inferior detinha e sobre este proveio uma nova estrutura em betão armado.

A divisão dos espaços ficou confinada à estrutura e a projeção dos elementos começa a tomar forma. Foi primordial privilegiar as vistas sobre a envolvente, usufruindo da luz natural e da paisagem. Os quartos voltam-se para fora, firmam-se nas extremidades do edifício e delegam os acessos para o corpo central do volume. Entre os três pisos do edifício, os acessos tem comunicação direta com os serviços, acessos que tendem a ser limitados e privados aos hóspedes. É nesta envolvência entre acessos e serviços, que se enquadra a copa de andar colocada no primeiro e segundo piso, com relação direta ao piso térreo pela coluna vertical de serviço.

A disposição dos quartos espelha a matriz estrutural do edifício. Os quartos ou suítes, procuram ir de encontro às áreas mínimas impostas pela Portaria, que indica a área mínima de 19,5 m² para quartos duplos, e as suítes têm de ser constituídas por quarto e zona de estar separável com área mínima de 10m².

No corpo da ampliação do hotel, os acessos estão dispostos para o exterior, com a pretensão de voltar os quartos a sul, privilegiando a exposição e qualidade da luz solar. Neste corpo os quartos assumem um relação de simetria e homogeneidade, com proporções bastante idênticas.

Na convergência deste dois volumes, podemos disfrutar com eminência a sala nobre da entrada e apreciar a vista sobre o jardim, piscina e campo de ténis na zona de estar do andar.



Figura 40. Diagrama de disposição de espaços.

O último piso do hotel é um elemento completamente novo que figura no conjunto sem intenção de desvirtuar as preexistências. Tal como o piso que lhe antecede, dispõe-se sobre a composição estrutural, mas recolhe-se nas extremidades. Trata-se de um bloco, uma caixa que delimita o hotel.

Este novo volume recuado que aflora do edifício, não pretende desvirtuar a cobertura como elemento do conjunto. Porém, a pretensão do programa adotado em fazer render e reabilitar o centro termal, impele à construção de um corpo que venha render a presente cobertura tortuosa, que reflete a impetuosidade do tempo, e que se verga com o peso da vetustade.

À semelhança do primeiro piso, verifica-se a distribuição dos quartos pelos contornos do volume. Aqui a circulação concentra-se, torna-se mais intimista e concreta, perdem-se os lugares de exposição e contemplação ao exterior. Este piso priva-se de zonas de contato, carece de espaços comuns, é mais objetivo e pragmático quanto ao seu conceito. Os espaços privados são a sua essência.

Atrás referido, este piso encontra-se equipado por uma coluna vertical de serviços, com comunicação direta à copa de andar. Os acessos verticais colocam-se em pontos estratégicos do edifício, tentando manter um equilíbrio entre circulações.

O corpo da ampliação do hotel segue as mesmas linhas orientadoras do primeiro piso, por se tratar de uma repetição e sobreposição do programa.



Figura 41. Diagrama de disposição de espaços.

O balneário é um elemento com um semblante imponente. O torreão central possui um carácter identificativo do Centro Termal do Eirôgo, pelo qual foi desde logo assumida a conservação deste volume primitivo, por um lado resultado das imposições legais, por outro pelas particularidades que o distinguem, por ser um marco daquele lugar, um pedaço de história no património termal português.

Este corpo do balneário será adaptado à realidade termal atual, evitando na máxima expressão, reformas que lhe alterem o carácter definidor do espaço, tal como a relação deste com a envolvente.

Uma vez que o balneário se encontra descontextualizado e desconfigurado para as práticas termais, foi necessário desenhar um novo espaço, que fosse capaz de articular as preexistências e o novo volume com uma linguagem mais contemporânea.

Para que o torreão central e a fachada simétrica não percam a identidade que os distinguem, optou-se por construir um novo volume confinante às traseiras da capela, casa senhorial e balneário. O novo bloco advém do alinhamento da ribeira do Eirôgo e da rua das Termas do Eirôgo, na sua maior extensão, e num determinado momento sente a necessidade de quebrar essa linha, e dobra-se, projeta-se à ribeira, um confronto entre o natural, imutável, que segue o curso que a natureza lhe atribui e a vontade do homem que desafia a própria natureza, mostrando-lhe uma feição aguçada, penetrante, que se dirige à ribeira e pretende desviá-la do seu curso.

Quando o volume se volta para o hotel, este torna-se suave, não pretende ferir ou desafiar, e num determinado ponto, acaba por se conectar a este por um elemento ténue e quase transparente.

A cobertura do edifício paira sobre o espaço, dando a impressão de uma cobertura suspensa. As paredes pontualmente colocadas revelam o seu carácter estrutural, para além de desempenharem a função de divisórias espaciais, deslizam debaixo da placa de cobertura e criam uma transição flutuante entre o interior e exterior.

O balneário preexistente conserva toda a sua estrutura, poucas alterações foram projetadas. As de maior relevo resultam da intenção de tornar o ambiente interior mais equilibrado. As discrepâncias de nível existentes são ajustadas, o bloco é uniformizado detendo apenas três cotas de pavimento, ao invés do que se sucedia, com vários patamares e diferentes cotas, que inviabilizam a acessibilidade.

A disposição dos espaços no centro termal obedeceu a um rigoroso critério. Por correspondência ao período de ascensão termal nos inícios do século XX, foram definidas as regras estruturantes dos espaços de acordo com os cânones construtivos e de natureza organizacional da época.

A influência da luz e ventilação natural conforma a organização espacial. O átrio ou recepção eram o fator determinante para a distribuição dos restantes espaços de tratamentos. A piscina, quando existente, assumia uma posição central do centro termal, e os corredores de circulação eram normalmente longos e largos. Respeitando estes critérios, foi concretizada a distribuição espacial do volume do balneário.

A recepção do balneário é colocada em posição central, e no seu alinhamento surge o ginásio, instalações sanitárias e piscina termal. Estes três elementos fazem a separação entre o que foi assumido como zonas de tratamento secas e húmidas do balneário.

A nascente o volume é rasgado por um corredor central que separa as áreas de diagnóstico, gabinetes médicos e enfermaria antecedidos por um balcão de atendimento com sala de espera. Os caminhos de circulação a estes espaços são delineados pelos vidros que fazem a separação física entre o ambiente interior e exterior, mas conseguem a fusão visual entre os dois ambientes. Ao fundo deste corredor foi integrada uma área privativa de convivência equipada com uma copa de serviço destinada aos funcionários do centro termal.

O mesmo corredor central que rasga este volume serve as áreas de tratamento das vias respiratórias. O corredor é antecedido por uma sala de repouso, tal como se sucede ao fundo, um elemento que integra os requisitos obrigatórios para o programa termal. O corredor serve a disposição de um espaço de apoio para pessoal técnico e armazenamento de equipamentos, e quatro salas onde se fazem tratamentos como nebulização, pulverização, irrigação nasal e aerossóis. Estes espaços são desenhados com o intuito de haver uma separação de tratamentos para adultos e para crianças.

O espaço de transição entre o átrio da recepção e a zona médica e de tratamento é fixado por uma parede de vidro que concentra um pequeno jardim que recebe luz zenital e a propaga sobre a recepção e o átrio.

Uma parede estrutural delimita o átrio e oculta a passagem às instalações sanitárias, propositadamente colocadas naquele lugar, delegando estes espaços para um plano secundário, mas imprescindível no conteúdo do programa.

O ginásio copula-se às instalações sanitárias e assume preponderância sobre a piscina termal, colocada a uma cota inferior e que pode ser acessível pelas escadas ou por uma rampa que percorre todo aquele corpo longitudinal.

A piscina com cerca de 76m² de área coberta e 260m² ao ar livre está dotada com equipamento que permite a realização de tratamentos termais. A divisão entre o espaço interior e exterior é feita pela coluna de vidro, apoiada em pontos estratégicos sobre as ilhas da piscina. A transição entre o interior e exterior é feita pelos canais entre as ilhas da piscina. Esta tem capacidade para cerca de 380m³ de água e tem uma profundidade de 1,40 metros.

Ainda resguardado ao espaço interior encontra-se o corredor de marcha. A través deste piso, é possível ter acesso a toda a área técnica do conjunto.

O programa da piscina dispõe de várias funcionalidade e serviços, tais como camas de hidromassagem, cadeiras de hidromassagem, natação contracorrente, Geysers, pescoço-de-cisne, cascata e leque. A colocação destas funções dispersas pela piscina seria debatida com especialistas e médicos relacionados com a cura e bem-estar na atividade termal.

Voltando ao espaço central do edifício, somos orientados a um novo espaço de receção. Este foi desenhado para este sítio, por estar em contato direto para os serviços de lavanderia e engomadoria colocados nas preexistências. O balcão cumpre a função de distribuição e recolha de equipamentos, tais como toalhas, chinelos, robes e afins, ao dispor dos utilizadores.

A partir deste espaço, descemos a um nível inferior onde se proporcionaram as alterações mais consideráveis do balneário preexistente. Foi necessário proceder à regularização de cotas de pavimento, para que se pudessem distribuir de forma regular e homogénea nos balneários, quer no feminino, quer no masculino.

A separação destes balneários é feita pelo átrio que conserva uma fonte. Por questões estéticas e de valores, esta fonte foi preservada e restabelecida. Para acentuar o valor imprescindível desta fonte, à qual os aquistas se deslocam para tomar água no cumprimento da prescrição médica, foi desenhado um volume que segue a herança estrutural do edifício, no qual foi integrado um balcão para a prestação de serviços relacionados com a toma das águas.

Este volume central dispersa em dois sentidos, onde se encontram as designadas zonas húmidas, por se tratar de equipamentos e tratamentos diretamente vocacionados ao uso das águas termais.

A poente é possível vislumbrar o belíssimo vão pelo qual a luz solar incide e distribui-se pelo longo corredor do edifício. Neste corredor foram colocados espaços de repouso, ou seja, mobiliário disponibilizado aos utilizadores para o descanso após tratamentos. Confinada a esta ala estão os equipamentos de Banho Hammam, Sauna e Banho Turco. O Banho Hammam é muito idêntico ao Banho Turco e consiste num espaço com discrepância de temperaturas ambientais em que a atmosfera está saturada de vapor de água, atingindo níveis máximos de temperatura entre 40 a 45°C.. A Sauna consiste numa câmara coletiva que beneficia do calor seco.

No lado oposto do corredor, no aproveitamento das formas existentes foram colocadas duas salas para apoio e equipamentos a serem prestados nos tratamentos termais. Neste bloco foram distribuídos os espaços e deram lugar a quatro compartimentos que servem três distintos tratamentos, a designar, Bertholet - vapor parcial aos membros, Bertholet - vapor parcial à coluna e Berthollaix - vapor total à coluna. A estufa de Bertholet resume-se à pulverização em baixa pressão de vapor de água termal sobre os membros ou sobre a coluna e o tratamento de

Berthollaix resume-se à pulverização de vapor termal, veiculado por uma corrente de ar quente compreendida entre os 36 e 42° C., dirigida aos ombros, ancas e coluna vertebral.

De novo centrados sobre o eixo principal do balneário, através de uma comunicação vertical preexistente e reajustada, é possível chegar ao nível superior do torreão central, onde outrora estavam os depósitos de água, e percorrer toda a laje do edifício, e a partir da qual se consegue apontar a todas as direções do projeto.

Voltando ao nível inferior, na cota mais baixa do projeto, dispomos de uma série de compartimentos que aumentam a oferta do programa estabelecido para a estância termal. Neste contexto podemos enumerar e clarificar os diversos tipos de tratamentos com recurso à água mineral termal, tais como Banho Thalaxion, Duche Pedidaix, Phlebotone, Duche Circular, Hidromassagem, Duche Escocês e Duche Vichy. O Banho Thalaxion consiste numa hidromassagem sequencial e com temperaturas alternadas, o Duche Pedidaix, resume-se na pulverização de vapor e jatos de água termal exclusivamente direcionadas ao membros inferiores, o Phlebotone resume-se uma banheira de hidromassagem para os membros inferiores, o Duche Circular é um duche no qual é projetado em toda a altura do corpo e todas as suas faces, com o utilizador de pé, finos jatos de água multidirecionais e difusos a baixa pressão, e a Hidromassagem, com banheiras, incide numa massagem realizada através da projeção de água sobre a superfície corporal por jatos subaquáticos com variações de temperatura que oscilam entre os 30 e 38° C.. O Duche Escocês é um tratamento feito com a projeção de um ou mais jatos de água mineral termal, com temperaturas e pressão determinadas e variáveis, e por fim o Duche Vichy consiste num duche com cinco chuveiros posicionados sequencialmente por cima do corpo, complementado com uma massagem manual ritmada, que pode ser feita por um ou dois terapeutas (duas mãos ou quatro mãos).

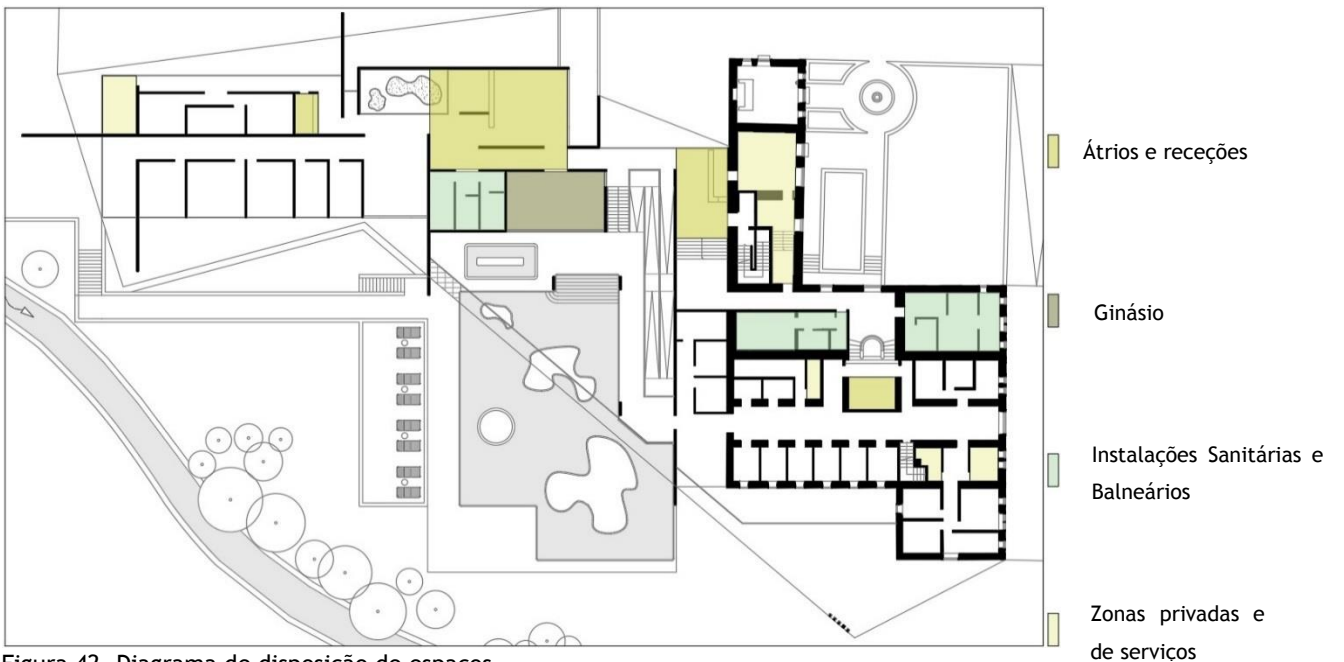
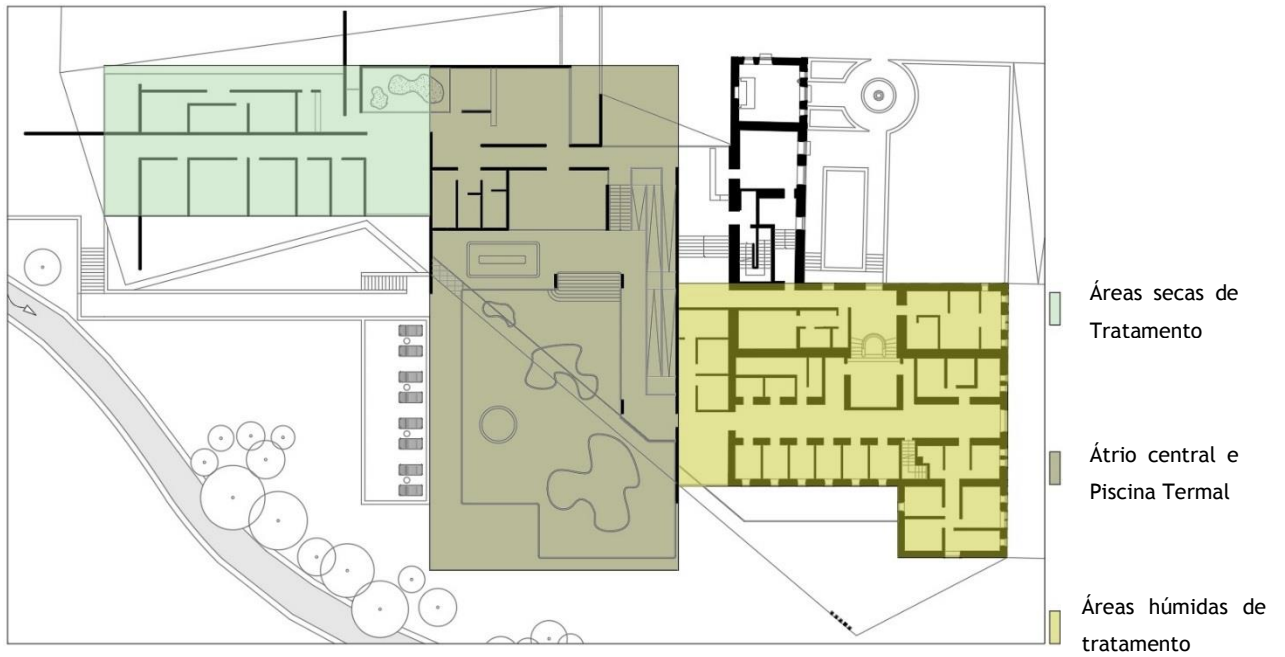


Figura 42. Diagrama de disposição de espaços.

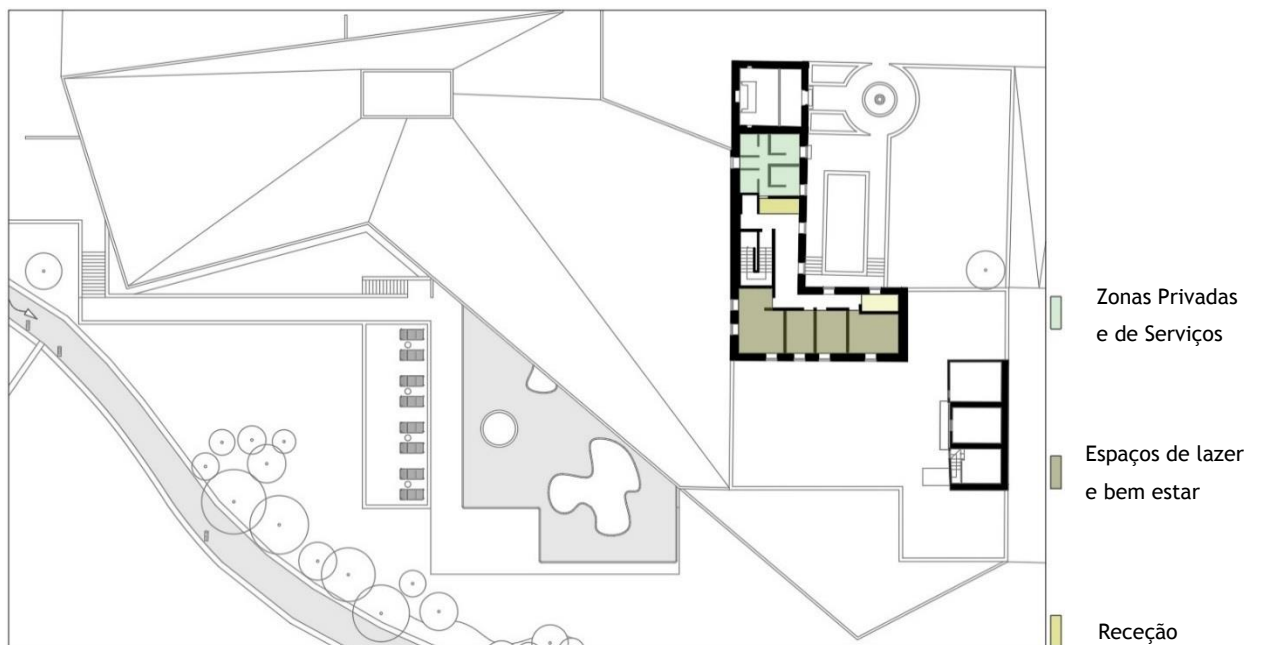


Figura 43. Diagrama de disposição de espaços.

O conjunto destas ofertas que o centro termal consegue disponibilizar deve-se ao estudo das condições geológicas e hidrogeológicas, pelas quais, e sob orientação do Doutor Professor Luís Ferreira Gomes, com sondagens e furos de captação de água com profundidade entre os 300 e 400 metros, se consegue a obtenção de água a cerca de 40°C., que iria beneficiar todos os tratamentos indicados, privilegiando os tratamentos às vias respiratórias, e com um caudal superior a 2 litros de água por segundo, muito acima dos 0,55 litros por segundo, que se verificavam aquando da exploração do centro termal.

A tabela abaixo indicada faz um resumo sucinto de todos os equipamentos e serviços prestados e as relações entre a quantidade de água utilizada por tratamento com o número de tratamentos efetuados.

Tabela 1. Gastos de Totais de Água.

APLICAÇÕES DESIGNAÇÃO	UNIDADES	UTILIZADORES INSTANTÂNEOS	TRATAMENTOS P/ HORA	TRATAMENTOS P/ DIA	LITROS P/TRATAMENTO	CONSUMOMÁXIMO L			
						HORA	DIA	SEMANA	
BANHEIRA HIDROMASSAGEM 30m	4	4	8	64	200	1600	12800	76800	
DUCHE MASSAGEM VICHY 30m	4	3	6	42	750	4500	36000	216000	
DUCHE ESCOCÊS (JATO) 10m	1	1	6	48	450	2700	21600	129600	
DUCHE CIRCULAR 30m	1	1	2	16	350	700	5600	33600	
PHLEBOTONE 60m	1	1	1	8	200	200	1600	9600	
PEDIDAIX 30m	1	1	2	16	120	240	1920	11520	
THALAXION 30m	1	1	2	16	150	300	2400	14400	
VAPOR PARCIAL AOS MEMBROS 20m	2	2	6	48	75	450	3600	21600	
VAPOR PARCIAL À COLUNA 20m	2	2	6	48	75	450	3600	21600	
VAPOR À COLUNA BERTHOLAIX 30m	1	1	2	16	75	150	1200	7200	
SALA DE ORL CRIANÇAS (4 POSTOS)	DUCHE NASAL	3	1.00	1.00	8	5	5	40	240
	NEBUL. QUENTE	4	1.34	1.34	10.72	5	6.7	53.6	321.6
	AEROSOL TERMAL	3	1.00	1.00	8	5	5	40	240
	AEROSOL MEDICANTE	1	0.33	0.33	2.64	5	1.65	13.2	79.2
	INALAÇÃO	1	0.33	0.33	2.64	5	1.65	13.2	79.2
SALA DE ORL ADULTOS (18POSTOS)	IRRIGAÇÃO NASAL	4	1.38	1.38	11.04	5	6.9	55.2	331.2
	DUCHE NASAL	4	1.38	1.38	11.04	5	6.9	55.2	331.2
	NEBUL. QUENTE	18	6.24	6.24	49.92	5	31.2	249.6	1497.6
	AEROSOL SONICO	4	1.38	1.38	11.04	5	6.9	55.2	331.2
	AEROSOL TERMAL	14	4.86	4.86	38.88	5	24.3	194.4	1166.4
	AEROSOL IÔNICO	4	1.38	1.38	11.04	5	6.9	55.2	331.2
	INALAÇÃO	4	1.38	1.38	11.04	5	6.9	55.2	331.2
BANHO TURCO	1								
SAUNA	1								
BANHO HAMMAM	1								
PISCINA + CORREDOR DE MARCHA	1+1	380000							
TOTAIS						11300	90400	542400	

O programa proposto para o centro termal do Eirôgo só fica completo com uma área de lazer e bem-estar, com técnicas de massagem tradicionais e holísticas e tratamentos de estética.

O espaço confinado a esta área localiza-se no piso superior da antiga casa da Quinta do Eirôgo, adjacente à Capela. O acesso a este espaço faz-se junto ao balcão de distribuição e recolha de equipamento referido anteriormente, por meios de elevador ou escadas.

Este corpo determina dois espaços completamente distintos. Chegados ao piso superior, um novo balcão de atendimento condiciona o utilizador, obrigando-o a direcionar-se pelo corredor até às salas de massagens e cuidados de saúde. Neste espaço concentram-se quatro divisões destinadas a massagens e uma outra com características funcionais de serviço.

A oferta de tratamentos na área de lazer e bem-estar estará reservada ao concessionário do centro termal, que definirá as temáticas e os tipos de cuidados do corpo que pretende colocar ao dispor dos utilizadores.

Orientado a Sul deste volume está uma zona reservada exclusivamente para uso do pessoal técnico, com instalações sanitárias e vestiários.

Neste piso do volume, é feita uma intervenção que vai desconfigurar inteiramente as preexistências do edifício, preservando-lhe apenas a camada exterior. Esta alteração deve-se sobretudo à necessidade de integrar neste espaço o programa definido para o mesmo. A cobertura é inteiramente remodelada, com o intuito de baixar a cota do telhado, redesenhando-o e atribuindo-lhe uma materialidade diferente.

A Capela existente, fruto da identidade e relevância do conjunto arquitetónico, será intervencionada tal como a antiga casa da Quinta, na cobertura, com a particularidade de manter a inclinação das águas existente. O seu interior será totalmente renovado, substituindo os materiais degradados, com o cuidado de manter essência da Capela, que se reveste integralmente em madeira.

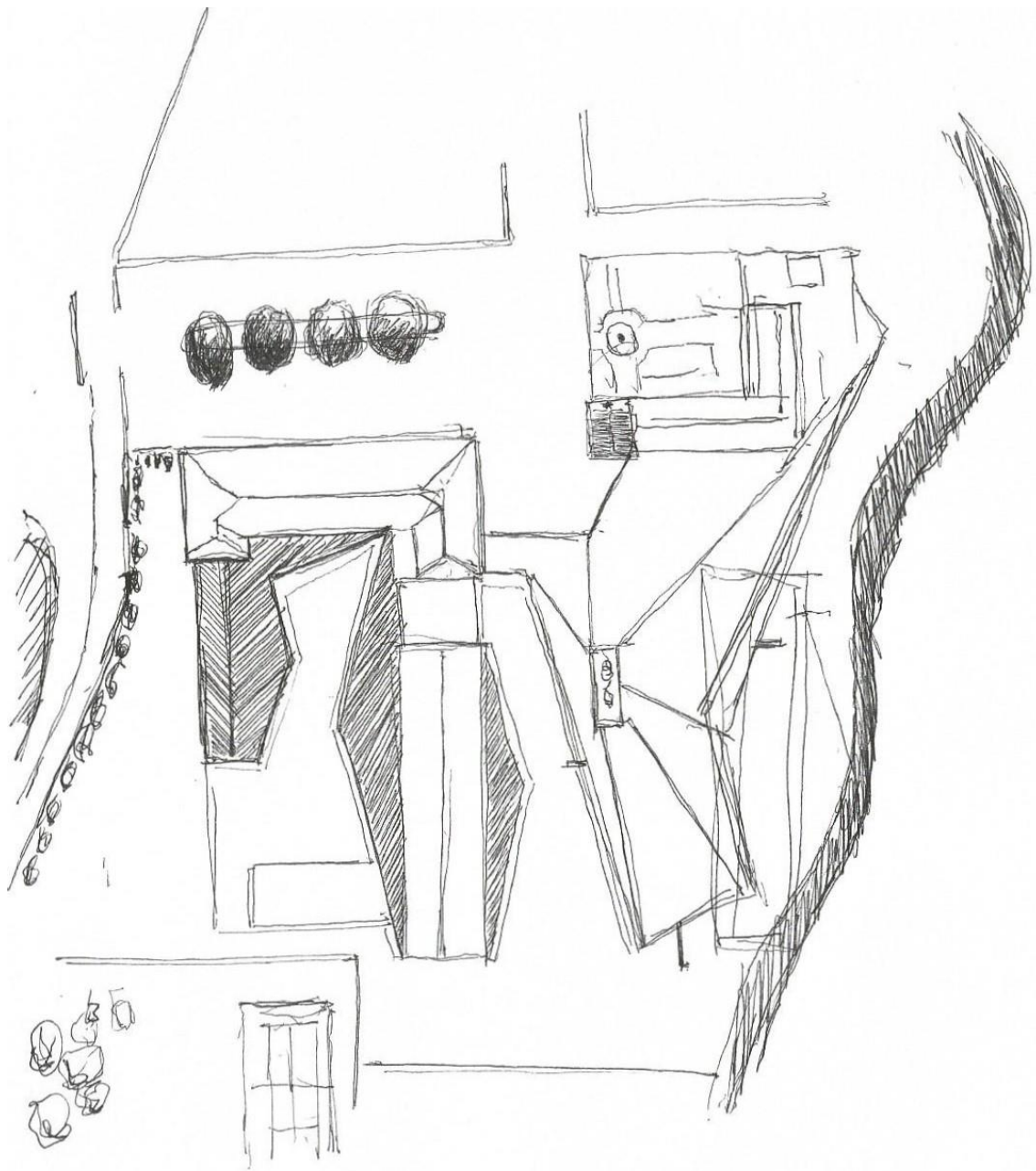


Figura 44. Esquízo da Planta

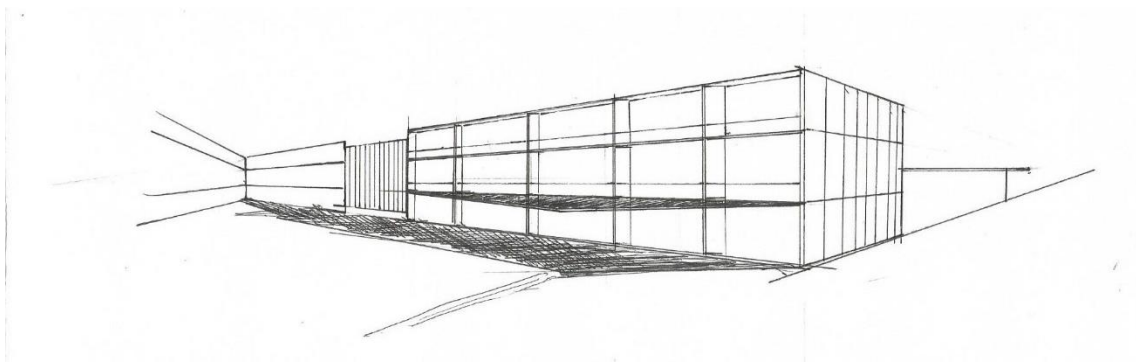


Figura 45. Esquiço do Alçado do Hotel.

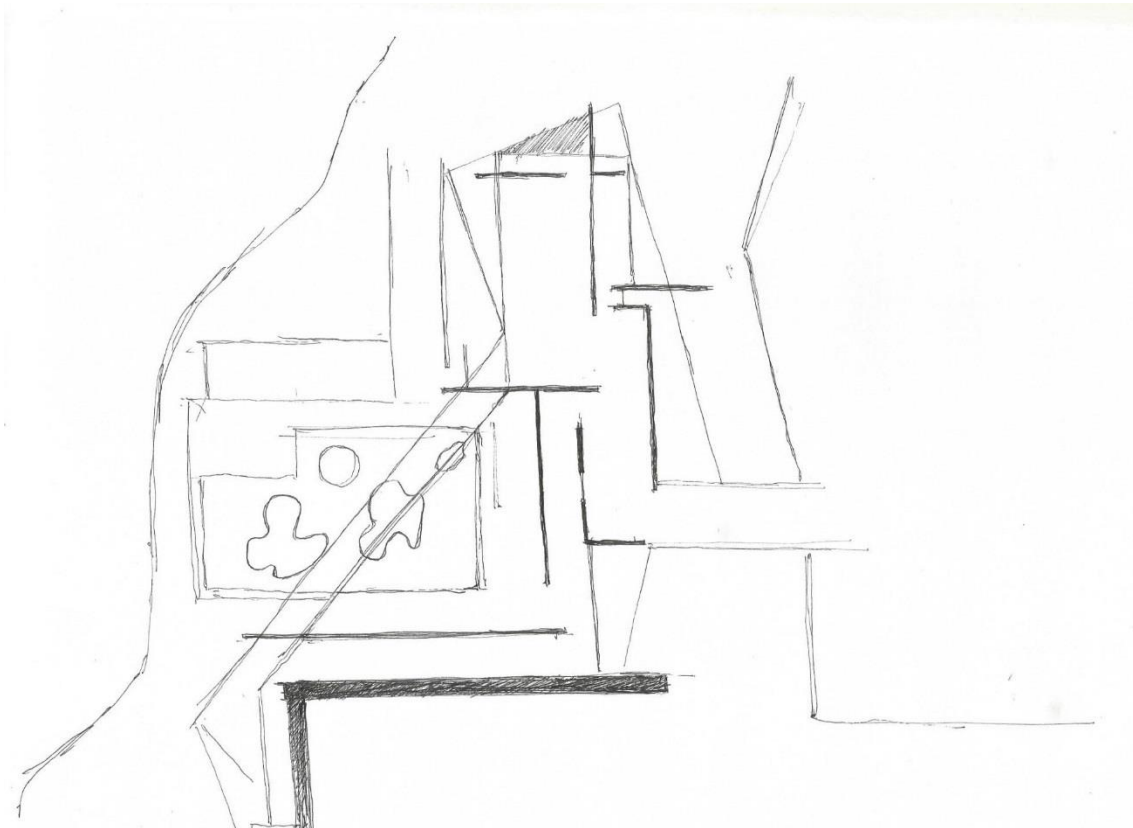


Figura 46. Esquízo do Balneário.

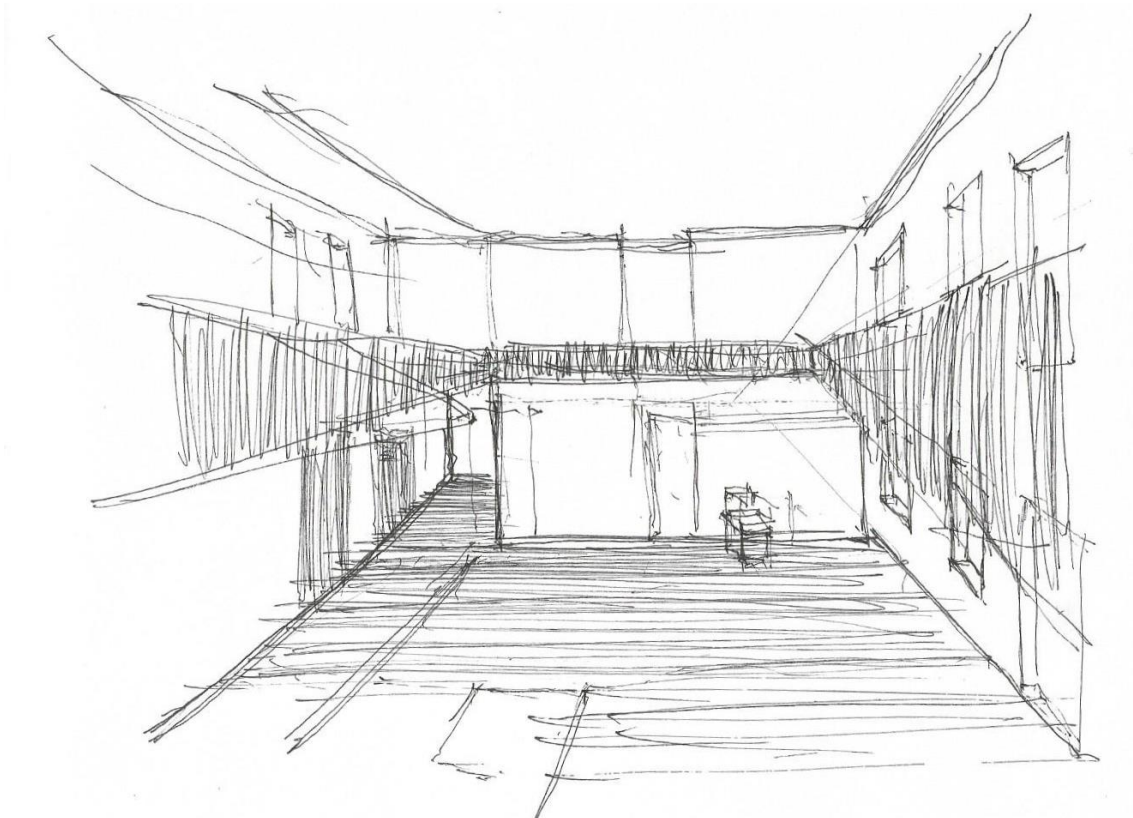


Figura 47. Esquicho da Sala de Estar.

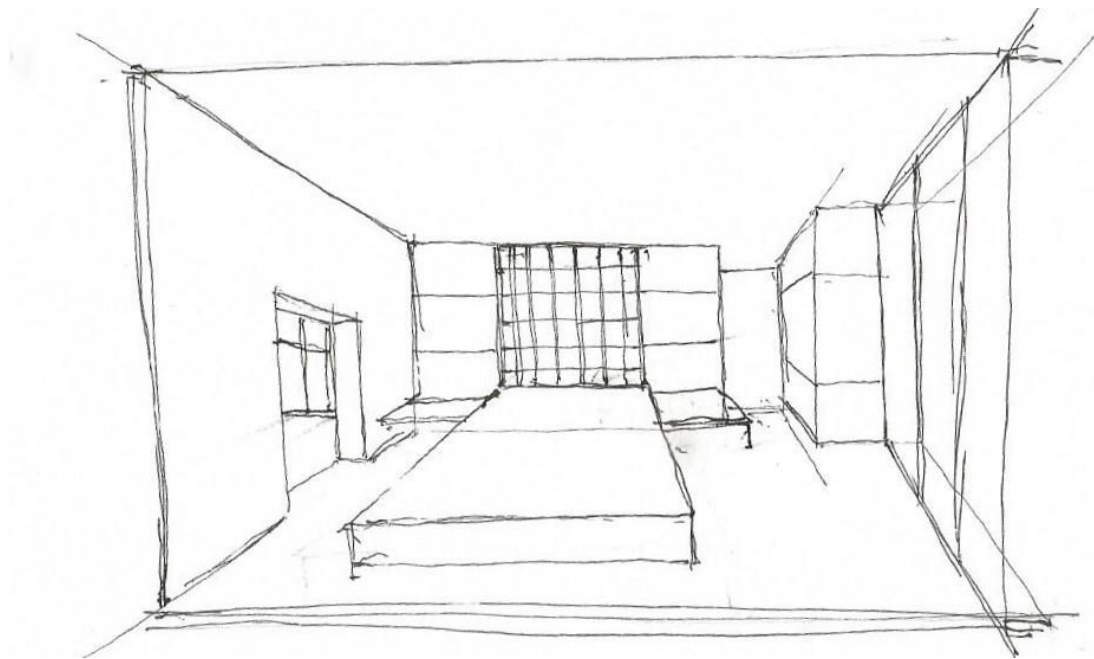


Figura 48. Esquiço do Quarto.

3.3 Materiais e Sistemas construtivos

Na elaboração do projeto do Centro Termal do Eirôgo, existiu sempre uma preocupação na escolha dos materiais que o compunham, para que este tivesse um carácter identificador. Os materiais são um elemento condutor na perspetiva do utilizador, permitindo-lhe diferenciar com as características dos materiais o sítio onde se encontra. Esta perspetiva estreita relações entre o homem e o espaço construído.

Outra intenção no desenvolvimento das escolhas dos materiais foi a harmonia entre os tipos de materiais, mais concretamente pavimentos e revestimentos, tentando uniformizar e estabelecer uma coesão cromática e textural nas diferentes áreas.

3.3.1 Hotel

3.3.1.1 Pavimentos

No primeiro piso do hotel estão definidos quatro tipos de pavimentos, correspondentes a áreas distintas.

O volume do hotel, ao nível do primeiro piso, é quase na totalidade revestido com um cerâmico com textura e aspeto de madeira, alternado com medidas de 14,3x90cm e 22x90cm tipo Porcelanosa Montreal Vintage com espessura de 10,5mm.

As instalações sanitárias, quer dos hóspedes, quer do pessoal técnico e vestiários, serão pavimentadas com cerâmico tipo Porcelanosa Baltimore Natural, com espessura de 10,5mm e com dimensões de 59,6x59,6cm. A este tipo de pavimento é solicitada a aplicação de junta seca.

Os espaços confinados à cozinha, lavandaria, zona de pequenos almoços e bar são pavimentados com revestimento cerâmico tipo Cinca Meteor SandBar, de 60x60cm e 10mm de espessura.

Por fim, o pavimento da adega é feito com betão afagado com pintura epóxi.

Em todos estes casos, não existe a necessidade de assentar rodapés, uma vez que existem revestimentos nas paredes. Nos espaços onde se detetem que estes não existem, o remate terá de ser feito com o próprio material da parede.

O segundo e terceiro piso do hotel, por apresentarem o mesmo programa funcional, são constituídos pelos mesmos pavimentos cerâmicos e soalhos em madeira.

Os espaços de comunicação e circulação, tal como sucede no primeiro piso utilizam o revestimento cerâmico tipo Porcelanosa utilizado no piso inferior. Os quartos procuram ter uma relação mais íntima e reconfortante com um perfil distinto dos espaços comuns e são inteiramente pavimentados com soalho em madeira, que se conjugam com o revestimento dos quartos, todos eles revestidos em determinados pontos com placas de madeira, e que proporcionam um ambiente quente e acolhedor.

O soalho nos quartos apresenta dimensões de 15,9x138,3cm e 8mm de espessura tipo Porcelanosa L´Antic Colonial AC4 Quercus 1L Light Grey. As instalações sanitárias dos quartos são com revestimento tipo Porcelanosa Cascais Noce, com espessura de 10,1mm e dimensões de 44x66cm. Este pavimento cria um contraste com os revestimentos das paredes revelando uma relação coerente a nível cromático.

A copa de andar está configurada no mesmo tipo de linguagem utilizada no espaço da cozinha e bar com pavimento tipo Cinca Meteor SandBar com as mesmas características.

Os pavimentos exteriores do hotel são constituídos no 1º piso por pedra natural cortada com as dimensões de 100x300cm com uma espessura de 30mm.

Nos pisos superiores do hotel encontramos o pavimento tipo Porcelanosa Chelsea Silver, com dimensões de 19,3x180cm e espessura de 11,5mm nas varandas do hotel.

3.3.1.2 Revestimentos

No que respeita aos revestimentos, o hotel possui uma vasta gama de produtos que se adaptam ao espaço em que estão inseridos e relacionam com os diferentes tipos de pavimento.

No primeiro piso do hotel os revestimentos que figuram nos espaços comuns são cerâmicos, em pedra natural, reboco pintado e placas de gesso cartonado revestidas por tinta.

Os espaços comuns, zonas de circulação, espaços de lazer e convivência, sala multifunções e administração articulam-se entre revestimentos cerâmicos, pedra natural e gesso cartonado pintado. Os revestimentos cerâmicos são tipo Porcelanosa Montreal Vintage, com 10,5mm de espessura, alternando entre as dimensões de 14,3x90 e 22x90, o mesmo material do pavimento. A pedra natural é tipo pedra Ponte de Lima, extração da pedreira de Pedras Finas, com tonalidade amarelada, e espessura de 30mm e dimensão de 300x100cm. As placas de gesso cartonado, após a correta instalação e demais trabalhos de emacamento, serão revestidas por tinta branca, RAL 9010.

O espaço confinado ao restaurante e serviço de bar e pequenos almoços serão revestidos por cerâmico tipo Porcelanosa Cerdeña Marfil PV, com dimensões de 31,6x90cm e espessura de 9,3mm.

As instalações sanitárias e vestiários estão revestidas com cerâmico tipo Porcelanosa Baltimore Beige, com 10,5 mm de espessura e dimensão de 59,6x59,6cm com aplicação de junta seca.

Por fim, neste piso, os espaços da cozinha e lavanderia são revestidos com mosaicos tipo Cinca Meteor SandBar com alternância entre 33x33cm e 32,5x60cm com 10mm de espessura.

O segundo e terceiro piso conseguem uma maior homogeneidade de materiais, que se vão repetindo pelos espaços, uma vez que os quartos não têm configurações diferentes relativamente aos revestimentos.

Os circuitos de acessos e circulação respeitam uma linguagem uniforme caracterizada pela presença de um único material. O revestimento que serve a circulação é tipo Porcelanosa Montreal Vintage, com as mesmas configurações que está presente no revestimento e pavimento do piso inferior.

Os quartos respeitam três tipos de revestimentos. Sobre o contorno do edifício, ou seja, nas paredes das fachadas, o quarto é revestido com placas de gesso cartonado pintado à cor branca RAL 9010. As cabeceiras da cama de todos os quartos são definidas pelo revestimento tipo Porcelanosa Wood Square Antique, com formatos de 29,7x29,7cm e 10mm de espessura, com texturas de pequenos blocos com 5x5cm em madeira natural, dispostos uns sobre os outros. As paredes interiores do quarto são forradas a madeira tipo Porcelanosa Hampton Beige com variações de formato, alternado entre 22x90cm e 14,3x90cm e espessura de 10,5mm. Nos quartos existe um certo cuidado na procura de harmonia nos espaços, com materiais e texturas que proporcionem conforto e bem-estar dos utilizadores.

As instalações sanitárias, são revestidas a cor clara, com cerâmicos de dimensões de 33,3x100cm e espessura de 9,2mm tipo Porcelanosa Nara Beige.

As copas de andar têm a mesma relação material com o revestimento da cozinha e lavanderia, tal como sucedia com os pavimentos.

No espaço exterior, identifica-se o hotel a preexistência do hotel pelo estuque tradicional pintado à cor branco, RAL 9010, com molduras dos vãos e apontamentos das lajes em pedra Ponte de Lima, extração da pedra de Pedras Finas, com tonalidade amarelada, e destaca-se a ampliação do hotel pelo betão armado com acabamento à vista. O corpo central de ligação entre os dois volumes define-se pelo vidro tipo Saint Gobain SGG-U GLAS.

3.3.1.3 Vãos

As portas interiores do edifício do hotel têm uma estrutura em réguas de madeira com interior maciço, sem aro, revestidas a madeira nas duas folhas, com a estereotomia e textura dos revestimentos das paredes, com dobradiças, fechaduras e puxador em inox.

No volume da ampliação do hotel, o vão que faz a divisão entre suíte e instalações sanitárias, é em vidro temperado, suportado por uma estrutura em alumínio, com caixilharia em alumínio, com a superfície do vidro com acabamento reflexivo e película de cor escura.

Os vãos exteriores terão caixilhos de cor cinzenta, RAL 9004, com soleiras em pedra natural. Os vãos de menores dimensões são tipo Technal Soleal FY, e os vãos de que se estendem entre as duas lajes são tipo PanoramAH! 26 Light.

Todos os vãos do corpo do hotel serão constituídos por vidros temperados reflexivos, com capacidade de garantir a total privacidade em espaços como instalações sanitárias, quartos, cozinha e salas de estar e salas de convívio.

A cada vão existente corresponde a aplicação de uma tela interior de sombreamento com caixa tipo Represtor Sombroll 483.

3.3.1.4 Tetos

Os tetos na generalidade do projeto variam entre quatro tipos, nomeadamente, gesso cartonado normal, hidrófugo e perfurado e um com destaque particular, teto em madeira, por se encontrar apenas no corpo da capela.

Os tetos em gesso cartonado simples tipo Pladur N fazem a composição dos quartos, copas de andar, restaurante, salas de comuns e certos espaços de circulação.

Os tetos em gesso cartonado com propriedades mecânicas para zonas húmidas tipo Pladur Hidrófugo H1, equipam as instalações sanitárias, vestiários e cozinhas.

Pontualmente, nos espaços de circulação serão instalados tetos em gesso cartonado perfurado tipo Pladur Fon+.

A aplicação de placas em gesso cartonado nos tetos obriga a que sejam usadas alhetas para evitar o contato direto entre paredes e tetos. Nos quartos é de salientar as sancas projetadas em gesso cartonado, com o objetivo de se instalar uma fita de LED, fazendo projeção indireta da luz sobre os espaços.

3.3.1.5 Estrutura

As paredes exteriores do edifício do hotel são constituídas por rocha granítica, nas preexistências preservadas e em betão armado nas partes reconstruídas e ampliadas.

As irregularidades das preexistências obrigaram à simplificação e acerto das paredes existentes. Os aspetos funcionais do programa estabelecido conduziram à demolição de fragmentos de paredes, e todas as lajes do edifício foram demolidas.

As paredes exteriores do hotel serão rebocadas e pintadas pelo exterior, e pelo interior serão forradas em perfis metálicos, com uma camada de lã de rocha e uma placa de gesso cartonado com acabamento pintado a tinta de cor branca RAL 9010.

As paredes divisórias são constituídas por três diferentes soluções. Podem ser em betão armado, rebocado com acabamento a tinta ou com revestido com o material indicado ao espaço concreto. As paredes em betão poderão também ter outro tipo de acabamento, que passa pela estrutura em perfis metálicos e placa de gesso cartonado com acabamento distinto de acordo com o espaço que se insere.

Outra solução de paredes, são as paredes em alvenaria, com diferentes espessuras, com o remate do revestimento indicado.

Por último, a solução que se aplica aos dois pisos superiores são as paredes com estrutura em perfis metálicos, com duas placas de gesso cartonado por cada face, com isolamento de poliestireno expandido. Nestes casos, as placas de gesso cartonado diferem consoante os espaços a que se destinam, ou seja, em zonas secas tipo quartos e espaço de circulação são aplicadas placas de gesso cartonado tipo Pladur N, e em zonas húmidas, caso das instalações sanitárias, serão aplicadas placas de gesso cartonado tipo Pladur Hidrófugo H1.

Quanto às lajes do corpo do hotel, a laje térrea será pavimentada com cerâmico de 10,5mm de espessura, sobre betonilha de cimento com 8cm, seguida pelo isolamento de poliestireno expandido com 5cm apoiado sobre uma laje de betão com 20cm, com tela impermeabilizante de 2cm sobre gravilha.

A laje do restaurante tem uma configuração diferente das restantes por se elevar acima da cota do terreno, construída em laje aligeirada com moldes tipo Ferca FG.

As lajes entre os pisos seguem a estrutura da laje térrea, com revestimentos variáveis em espessura, assentes sobre betonilha de cimento com 4cm, seguida por isolamento de poliestireno expandido com 4cm e uma camada de betão com 12 cm.

A cobertura assenta sobre uma laje em betão armado, apoiada por uma estrutura em perfis quadrangulares em aço. O revestimento da cobertura é em zinco, com acabamento em sistema de junta agrafada, que lhe confere um aspeto regular e resistente, com capacidade de diferenciar a linguagem contemporânea do volume primitivo do hotel. A cobertura é constituída pela chapa de zinco, barreira de vapor e isolamento térmico-XPS.

3.3.2 Balneário

A linha de pensamento na seleção dos materiais que revestem o corpo do balneário seguiu os mesmos contornos do volume do hotel, procurando seguir uma coerência formal, textura e cromática.

3.3.2.1 Pavimentos

O corpo do balneário é pavimentado com quatro tipos de material, para maior uniformização dos espaços tornando o conjunto como um todo.

O pavimento que cobre quase a totalidade do edifício, é do tipo Porcelanosa Britania Top com 19,3x120cm e espessura de 11,5mm.

Os espaços destinados a instalações sanitárias, balneários e lavanderia e engomadoria caracterizam-se pelo pavimento tipo Porcelanosa Baltimore Natural com espessura de 10,5mm e formato de 60x60cm. Este tipo de pavimento é o mesmo utilizado nas áreas correspondentes do volume do hotel, para que estes espaços tenham características e linguagem comum, uma vez que se destinam ao mesmo tipo de programa funcional.

Nas zonas húmidas de tratamento, mais concretamente as cabines de banhos termais, os pavimentos variam alternadamente em formatos de 22x90cm e 14,3x90cm, com espessura de 10,5mm do tipo Porcelanosa Estocolmo Natural. Este revestimento foi selecionado por manter uma linguagem idêntica ao pavimento dos espaços de circulação, de forma a não criar uma discrepância de materialidade, textura e cor.

No espaço dedicado à piscina termal houve uma intenção de atribuir aquele local um caráter clássico e exuberante e para tal foi escolhido um tipo de pavimento com aspeto idêntico ao mármore com acabamento mate tipo Porcelanosa Piedra Borgoña Arena com 10,5mm de espessura e 43,5x65,9cm de dimensão.

O corpo da capela é revestido com soalho tipo Jular Paviliar com dimensões de 9x90cm e espessura de 20mm.

A área tratamentos de lazer e bem-estar assume uma identidade muito própria, com recurso a diferentes tipos de revestimentos, afirmando a sua identidade com um programa que difere dos programas de saúde e cura com recurso a águas minerais termais.

O corredor de acesso e circulação é revestido com pavimento cerâmico tipo Porcelanosa Britania Top com dimensões de 19,3x120cm, com espessura de 11,5mm.

As salas de massagens e tratamentos estéticos, assim como o compartimento de serviços e arrumos estão revestidas com soalho tipo Jular Paviliar, com 9x90cm e espessura de 20mm. Este tipo de pavimento encontra-se também nos vestiários da zona privada ao pessoal técnico. Neste mesmo espaço as instalações sanitárias seguem os padrões das existentes no piso inferior.

Os pavimentos exteriores deste corpo, são os mesmo que pavimentam os espaços exteriores do hotel.

3.3.2.2 Revestimentos

No edifício do balneário, os revestimentos existentes são sobretudo a pedra natural, com alguns espaços com apontamentos em cerâmicos e em reboco ou placas gesso cartonado revestidas com tinta.

Os revestimentos cerâmicos existentes encontram-se nas instalações sanitárias, balneários e lavandaria e seguem o mesmo tipo de linguagem com materiais cerâmicos tipo Porcelanosa Baltimore Beige com 10,5mm de espessura e dimensões de 59,6x59,6cm.

No balcão colocado para apoio à fonte de água termal, as paredes interiores são revestidas com cerâmico tipo Porcelanosa Hampton Beige, com 22,9x90cm e espessura de 10,5mm.

As cabines de tratamento das zonas húmidas serão revestidas a reboco pintado à cor branca, RAL 9010, com o mesmo tipo de material aplicado sobre as divisórias em gesso cartonado.

Os restantes espaços comuns e de circulação são revestidos em pedra de Ponte de Lima, extração da pedreira de Pedras Finas, com tonalidade amarelada.

O piso superior da antiga casa da Quinta, onde se encontram as zonas de tratamento de lazer e bem-estar será revestido nos espaços de circulação por cerâmico tipo Porcelanosa Minnesota Moka, com dimensão de 25x150cm e espessura de 11mm.

As salas de massagens e tratamentos estéticos, assim como o compartimento de serviços e arrumos estão revestidas com cerâmico tipo Porcelanosa Ice Minnesota Moka, também com 25x150cm de formato e 11mm de espessura.

As áreas reservadas ao pessoal técnico seguem nas instalações sanitárias, os alinhamentos das restantes do piso inferior, e as paredes dos vestiários são revestidas a tinta de cor branca, RAL 9010.

3.3.2.3 Vãos

Os vãos do volume do balneário têm as mesmas características do edifício do hotel, em que os vãos de menor dimensão são tipo Technal Soleal FY, e os vãos de maior dimensão, que fecham todo o volume do balneário ao exterior são tipo PanoramAH! 26 Light. A escolha sobre este tipo de vãos exteriores recai pelo tipo de caixilharia que utiliza, permitindo que esta não crie barreiras visuais muito fortes na observação para o exterior.

As caixilharias mantêm a cor cinzenta, RAL 9004, o tipo de vidro é temperado reflexivo, com caixa de ar, e as soleiras mantêm-se em pedra natural.

Os vãos interiores do balneário são diferentes dos utilizados no edifício do hotel, uma vez que assumem uma função mais pragmática e nem tanto decorativa. Os vãos têm estrutura em réguas de madeira com interior maciço, com aro em MDF e textura tipo Vicaima Dark Champagne. Todas as dobradiças, fechaduras em puxadores são em inox.

3.3.2.4 Tetos

O edifício do balneário rege-se ao nível de aplicação de diferentes tipos de tetos pelas mesmas regras aplicadas no volume do hotel, com recurso a tetos hidrófugos em zonas de banhos e placas de gesso cartonado tipo Pladur N nos espaços comuns, com alguns apontamentos em determinados espaços de tetos em gesso cartonado perfurado.

3.3.2.5 Estrutura

O volume do balneário obedece a duas estruturas distintas, uma estrutura preexistente em pedra granítica com acabamento em reboco, e uma nova estrutura, em betão armado, que distingue a ampliação do balneário.

Para adaptar o antigo edifício do balneário às novas funcionalidades programáticas é necessário atribuir-lhes novas cotas de pavimento, para que o edifício se torne mais regular.

A estrutura da laje térrea será demolida em toda a sua extensão para que o conjunto arquitetónico se adapte à nova realidade funcional do edifício, visto que é necessário dotar estes espaços com novas soluções construtivas que se ajustem ao tipo de equipamentos que constituem o programa do balneário termal.

Desta forma, a nova laje térrea é constituída por uma camada de pavimento com espessuras distintas assentes sobre betonilha de cimento com 8cm, isolamento de poliestireno expandido com 5cm, uma laje de betão com 20cm, seguida por uma tela impermeabilizante com 2cm sobre a gravilha.

As paredes deste corpo têm de ser recondicionadas e ajustadas ao programa. Procedese à regularização de superfícies com uma camada superficial de cimento ou como também acontece em alguns momentos, recorre-se à instalação de perfis metálicos com isolamento de poliestireno expandido e duas placas de gesso cartonado tipo Pladur Hidrófugo H1.

A laje superior será mantida, apenas com alterações na constituição física ao nível dos pavimentos e revestimentos exteriores, no caso da cobertura que é acessível pelo torreão central.

O novo volume construído é sustentado por uma estrutura de paredes em betão armado, com função em distribuição e disposição dos espaços interiores. Na cota mais alta deste corpo existem ainda paredes em alvenaria, sem funções estruturais, apenas para com a função estruturante dos espaços.

A composição das lajes térreas segue as mesmas normas construtivas da laje do edifício preexistente, exceto a estrutura das paredes e lajes da piscina, por estas estarem equipadas com diferentes tipos de impermeabilizações e diferentes tipos de revestimentos.

A estrutura flutuante do edifício, apoiada sobre as paredes estruturantes desenhadas para a ampliação do balneário, é construída sobre vigas apoiadas nas paredes em betão e fixadas ao volume preexistente, com uma espessura de 20cm. Após a construção desta laje, e com recurso às diferentes cotas indicadas pelo projeto, é possível proceder à camada de enchimento que irá proporcionar as superfícies empenadas da cobertura. A cobertura depois de pronta terá um acabamento com uma superfície impermeabilizante, e será pintada à cor branca RAL 9010. Pelo Interior a laje é forrada com isolamento térmico de 15cm e termina com a aplicação de teto falso em gesso cartonado.

4. CONCLUSÃO

“A arquitetura tem sido, e é, impulsionadora do próprio conceito balnear. O seu advento foi consequente da cultura romana e do progresso das «Termas Imperiais». Com o seu renascimento do século XIX absorveu o conceito inerente da «Cidade-Jardim». Atualmente as Termas abarcam uma carga simbólica que é genericamente reconhecida pela população, encontrando-se enraizada na memória coletiva. A sua recuperação requer que a imagem se apresente ajustada à componente morfológica e cultural pré-existente. A sua renovação deve fomentar expressões originais de cariz contemporâneo, alheias a óticas de representação global, que continuem a ser reconhecidas e interpretadas como um todo significativo, mesmo com a introdução de novas formas.”¹⁶

Desde as fundações das práticas termais, a arquitetura tem sido o meio difusor para fazer o homem chegar às termas. O seu reconhecimento define o património construído disperso por vários lugares e transversal a várias culturas. Os elementos construídos provêm de aglomerados de memórias, carregados de semblante que vão permanecendo em fragmentos, apresentados em grande parte dos casos em ruínas.

Com a carga simbólica reconhecida referida por Lacerda, as estratégias de recuperação dos espaços enraizados na memória coletiva devem obedecer a um conjunto de estratégias conceptuais e ideológicas que visem salvaguardar as preexistências do objeto construído. É fundamental respeitar a história do lugar, e perceber de que forma devem ser integrados novos conceitos e conteúdos programáticos, que preservem a componente morfológica e cultural preexistente.

A arquitetura termal estabelece relações entre a expressão cultural do meio que envolve, a edificação e a estruturação balnear. Após o apogeu vivido em Portugal no século XX, as termas são património que carece de recuperação, salvaguarda e valorização. É imprescindível uma atualização fundamentada na modernização construtiva e funcional, com capacidade de aproveitamento dos recursos hidrogeológicos, com uma aposta centrada na qualidade dos serviços prestados, quer a nível de hospedagem, quer a nível terapêutico, com uma oferta e garantia de lazer e bem-estar regenerativo, assentes no aproveitamento das potencialidades naturais próprias e adequadas aos tempos modernos.

¹⁶Lacerda, R. (2011) Arquitetura Termal em Portugal. Em busca do balneário ideal, Tese de Doutoramento, Universidade de A Coruña. A Coruña. p.231

“Na minha opinião, discutível como todas as opiniões, é muito importante manter a atmosfera que tinham estas instituições. [...] o conceito de modernização descurou bastante a integridade da recuperação.”¹⁷ Álvaro Siza Vieira

As termas são os espaços ideais que a arquitetura evoca, preserva e cria. A proposta de reabilitação do centro Termal do Eirôgo, procurou sempre a preservação dos valores intrínsecos na relação com lugar, sem mudanças radicais que alterem as principais referências dos volumes, preservando toda a história e a morfologia singular.

¹⁷Lacerda, Rui (2011) Entrevista com o arquiteto Álvaro Siza Vieira, Arquitetura Termal em Portugal. Em busca do balneário ideal, Tese de Doutoramento, Universidade de A Coruña. A Coruña. p.237

Bibliografia

Acciaiuoli, Luiz (1939) Aguas de Portugal, Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939.

Calado (1995) Das termas aos “spas”: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

Cantista, A.P.P. (2008-2010) Anales de Hidrología Médica, Volume 3.

Carriço, A.P.S. (2013) Metamorfoses do espaço termal. O caso das termas de S. Pedro do Sul, Tese de Doutoramento. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

CMB. (2017 A) Mais Barcelos. História. Galegos Santa Maria mais Barcelos. Disponível em <http://www.galegosmaria.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/historia/>. Consultado em 23 de maio de 2017.

CMB. (2017 B) Mais Barcelos. Galo de Barcelos. Galegos Santa Maria mais Barcelos. Disponível em <http://www.galegosmaria.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/historia/>. Consultado em 23 de maio de 2017.

Diário da República, Portaria N.º 309/2015 - Diário da República N.º 188/2015, Sérir I de 25 de setembro de 2015.

Dicionário do Termalismo, Associação Termas de Portugal.

Fernandes, A.R. (2011) Proposta de Regeneração das Termas de Vizela, Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior. Covilhã.

Fonseca, T. (1987) O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado. Santa Casa da Misericórdia de Barcelos. Barcelos.

Freitas, E.J. (2014) Arquitetura e Paisagem. Rio Zêzere como inspiração para um percurso termal, Dissertação de Mestrado. Covilhã.

Gustavo, N.S. (2010) Os novos espaços de lazer, turismo e saúde em Portugal. O caso dos SPA, Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra. Coimbra.

Lacerda, R. (2011) *Arquitetura Termal em Portugal. Em busca do balneário ideal*, Tese de Doutoramento, Universidade de A Coruña. A Coruña.

Lopes (1892) *Das termas aos “spas”*: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

Mariz, S.M.R. (2015). *Estâncias Termas Contemporâneas, Os casos de Vidago e Pedras Salgadas*, Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

Martins, A.F. (2012) *Estudo de Condicionantes e reabilitação do parque termal do Cró*, Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Melo, M.C. (1894) *Reconhecimento das nascentes de águas minerais dos Castanheirinhos e Quinta do Eirôgo*.

Nunes de Oliveira (1951) *Das termas aos “spas”*: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

Pinto, H. G. (2009). *O Desenho das Termas: história da arquitetura termal portuguesa*, Lisboa.

Plataforma PDM Barcelos. Câmara Municipal de Barcelos. Disponível em http://sig.cm-barcelos.pt/pdm2016/plantas_v9/index.php. Consultado em 18 de março de 2017.

Prospecto de propaganda (1912) *Caldas do Eirogo, Concelho de Barcellos. Barcelos*.

Quintela, M.M. (2004) *A Cura Termal: Entre práticas “populares” e os saberes científicos in VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra.

Quintela, V.M.A. (2009) *Estudos Geohidráulicos, Ambientais e de Ocupação Urbana na Área da Estância Termal e Climatológica de Unhais da Serra*, Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Ramos, A. R. (2005) *O termalismo em Portugal: Dos fatores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Rodrigues, J.J. (1885) *Succinta Noticia, As águas Sulfureas do Mosqueiro e de Santa Maria de Gallegos nos subúrbios de Barcellos*. Typographia da Academia Real das Sciencias. Lisboa.

Schiappa de Azevedo (1867) *Das termas aos “spas”*: reconfigurações de uma prática terapêutica. Disponível em http://www.aguas.ics.ul.pt/braga_eirogo.html, consultado em 12 de setembro de 2017.

Siza Vieira, A. (2009) 01 Textos. Civilização Editora. Porto.

Sousa, F. (2008) Galegos (Santa Maria). Galegos (Santa Maria) online. Disponível em <http://galegossantamariaonline.blogspot.pt/search/label/hist%C3%B3ria>. Consultado em 23 de maio de 2017.

Teixeira, F. (2013) O papel da CAT na credibilização e valorização do Termalismo. Associação Termas de Portugal e Direção Geral de Saúde.

Vários Autores (2008) Manual de boas práticas dos estabelecimentos termais. Associação das Termas de Portugal.

Vigarello, Georges (1988) O Limpo e o Sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média. 1ª Edição Editorial Fragmentos. Lisboa.